



THYAGO CAMARGO CHAVES

**As orações de que precisamos: encarando o trabalho com as relativas preposicionadas na educação básica**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCr Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ani Carla Marchesan

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 3/7/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 ANI CARLA MARCHESAN  
Data: 11/07/2025 14:10:23-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

*Ani Carla Marchesan*

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ani Carla Marchesan (UFFS)

Documento assinado digitalmente  
 ALINE PEIXOTO GRAVINA  
Data: 08/07/2025 00:25:37-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Aline Peixoto Gravina (UFFS)

Documento assinado digitalmente  
 PAULO MEDEIROS JUNIOR  
Data: 11/07/2025 12:03:03-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Paulo Medeiros Júnior (UnB)

# As orações de que precisamos: encarando o trabalho com as relativas preposicionadas na educação básica<sup>1</sup>

Thyago Camargo Chaves<sup>2</sup>

thyago.camargo@estudante.uffs.edu.br

**RESUMO:** Este trabalho investiga as sentenças relativas com preposição explícita, apagada ou incorporada a um pronome pessoal. Dessas, apenas as com preposição explícita, chamadas de relativa padrão, constituem-se como as prescritas pela norma padrão (Cunha; Cintra, 2017). No entanto, estudos de Kenedy (2007) e de Corrêa (1997, 1998) revelaram que essa estrutura só é aprendida na escola, através de ensino formal; ao contrário das outras duas que são adquiridas de forma natural. Neste cenário, e adotando a perspectiva teórica da Gramática Gerativa (Chomsky, 1981 e trabalhos posteriores) e de transposição didática dos estudos formalistas para o ensino de gramática (Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016; Pilati, 2017; Medeiros Junior, 2020, entre outros), objetivamos apresentar uma proposta de módulo gramatical para trabalhar as relativas preposicionadas, partindo da reflexão dos usos não-padrão e da articulação disso com as habilidades de leitura e produção textual. Para essa empreitada, metodologicamente, partimos da descrição e da análise do funcionamento das orações relativas preposicionadas (Vries, 2002; Kenedy, 2002), já que, conhecer detalhadamente essa estrutura gramatical vai, seguramente, contribuir para criar materiais com ordenação de conteúdo mais detalhado das estruturas gramaticais (Amaral, 2020), tais como a Hierarquia da Acessibilidade (Keenan; Comrie, 1977); a antinaturalidade da oração relativa padrão preposicionada (Kenedy, 2007; Corrêa, 1998; Amorim, 2021), entre outros. Como resultado obtivemos dois materiais complementares: uma versão direcionada ao aluno e outra comentada, destinada ao docente. Tais atividades visam contribuir para o desenvolvimento do raciocínio lógico-linguístico do aluno (Medeiros Junior, 2020a).

**PALAVRAS-CHAVE:** sintaxe; gramática internalizada; módulo gramatical; relativas preposicionadas.

## Introdução

Sabemos que a espécie humana é dotada de um aparato biológico inato, a faculdade da linguagem, que, em condições normais, faz com que uma criança adquira a língua do meio em que está inserida de forma natural e inconsciente (Chomsky, 1956 *apud* Pilati, 2020, p. 121).

Ao chegar à escola, por volta dos 6 ou 7 anos de idade, a criança já se expressa na modalidade oral da língua, compreendendo e produzindo sentenças simples e complexas. Cabe à escola, então, o papel de ensinar a modalidade escrita da língua e, nas aulas de gramática da língua portuguesa, de promover, dentre outras coisas, o conhecimento explícito e consciente daqueles fenômenos linguísticos que o aluno já domina e àqueles que precisam ser ensinados por instrução formal (Guerra Vicente; Pilati, 2012; Lobato, 2015; Pilati, 2017; Medeiros Junior, 2020b).

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador(a) Prof(a). Dr(a). Ani Carla Marchesan

<sup>2</sup> Acadêmico(a) da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

Nessa perspectiva, propomos, junto com Pires de Oliveira e Quarezemin (2016), Pilati (2017) e Medeiros Junior (2020a) que as aulas de gramática versem “sobre o entendimento de como a língua funciona e sobre a análise das possibilidades que a língua pode oferecer, mesmo dentro da variedade definida como padrão” (Pilati, 2017, p. 42), partindo do conhecimento inato que o aluno tem por ser um usuário da língua.

Dentre os fenômenos linguísticos que devem ser objeto de estudo da educação básica, estão as orações subordinadas adjetivas, que, aqui, denominaremos de orações relativas. Historicamente, as relativas são objeto de estudo de diferentes perspectivas teóricas por serem um fenômeno altamente produtivo e por apresentarem uma série de propriedades que apenas compreendemos superficialmente (Kenedy, 2014, p. 11). Adicionado a isso, as pesquisas de Corrêa (1998) e de Kenedy (2007) revelaram que há estruturas relativas que não são adquiridas naturalmente pelos usuários da língua: as preposicionadas. Essas precisam ser ensinadas por ensino formal. Assim, é imprescindível uma proposição, a partir de uma abordagem naturalista, que indique caminhos para o trabalho com as sentenças relativas em sala de aula.

O objeto de estudo deste trabalho serão, portanto, as sentenças relativas com preposição explícita (1a), apagada (1b) ou incorporada a um pronome pessoal (1c), tais como as que estão sublinhadas abaixo:

- (1) a. João comprou *o livro sobre o qual você falou ontem*.
- b. João comprou *o livro que você falou ontem*.
- c. João comprou *o livro que você falou dele ontem*.

Além dessas, iremos abordar, sempre que necessário, as relativas com preposição órfã (sublinhada em 2), não tão produtivas no Português Brasileiro (PB), mas muito produzidas em outras línguas, como o inglês:

- (2) João comprou *o livro cuja teoria você é completamente contra*.

Em resumo, considerando: (i) que as pesquisas realizadas por Corrêa (1999) e Kenedy (2007) evidenciaram que as relativas preposicionadas do tipo de (1a), prescrita pela tradição gramatical, não são adquiridas (de forma inata e inconsciente), mas aprendidas por instrução formal na escola; (ii) que as orações relativas preposicionadas são de difícil construção e compreensão (Kenedy, 2014), inclusive entre pessoas com alto grau de escolaridade (Corrêa,

1998); e (iii) que relativas são construções sintáticas altamente produtivas (Kenedy, 2014), questiona-se:

Como trabalhar com as relativas preposicionadas na educação básica?

Para responder a essa questão, apresentaremos uma proposta didática, um módulo de gramática, sobre as orações relativas preposicionadas, partindo do pressuposto de que os alunos já tenham tido contato com as relativas padrão não preposicionadas (nos livros didáticos, conforme mostrou o estudo de Chaves e Marchesan, 2025; e em contexto de língua em uso). Para tanto, primeiro, descreveremos detalhadamente o funcionamento das orações relativas preposicionadas (seção 1), pois,

Apesar de parecer óbvia a necessidade de uma descrição linguística para a criação de materiais didáticos, é verdade que existem projetos de ensino de língua [...] que por motivos práticos relegam a segundo plano essa descrição [...]. Pode-se dizer assim que é possível criar materiais sem um conhecimento mais detalhado das estruturas gramaticais [...]. Porém [...] a falta de um conhecimento a respeito da língua vai seguramente limitar as possibilidades dos autores e pode criar materiais com problemas de ordenação e organização de conteúdo, mesmo que não haja nenhuma menção às estruturas gramaticais<sup>3</sup> (Amaral, 2020, p. 20).

Depois disso, apresentaremos os pressupostos teóricos sobre os conhecimentos de que o professor precisa para compreender a proposta (seção 2). E por fim, analisaremos cientificamente as escolhas feitas para a elaboração do “Módulo Gramatical: orações relativas adjetivas preposicionadas” (seção 3) que se encontra, na íntegra, no apêndice A (material do aluno) e B (manual do professor). Finalizamos este texto com as considerações finais (seção 4).

## **1 As sentenças que são relativas**

Nesta seção, faremos uma descrição detalhada das características das sentenças relativas do PB, com base nos estudos gerativistas de Kenedy (2002), De Vries (2002), Valer (2008) e Medeiros Junior (2020b).

### **1.1 Afinal, o que são as relativas?**

Relativas são sentenças<sup>4</sup> encaixadas, iniciadas por pronomes relativos que se referem a

---

<sup>3</sup> Nessa citação, Amaral (2020, p. 20) refere-se à elaboração de módulos de gramática para revitalização de línguas indígenas. Acreditamos que essa citação se encaixa perfeitamente para o trabalho com gramática de língua materna, como o apresentado neste trabalho.

<sup>4</sup> Consideramos essencial apontar que escolhemos adotar o vocábulo “sentença”, neste trabalho, pois esse termo

um Núcleo Nominal (NN) que está imediatamente antes, conforme o exemplo entre colchetes em (3):

- (3) Eu tenho o livro [que Maria comprou *ec*].  
 NN [ relativa]

Com base em Figueiredo Silva (2020, p. 221-2022), a sentença complexa de (3), que contém uma relativa, pode ser assim explicada:

**Quadro 1** - Sentença relativa

Eu tenho o livro	Maria comprou o livro.
Eu tenho o livro	Maria comprou que.
Eu tenho o livro	que Maria comprou ____ . 
(3) Eu tenho o livro que Maria comprou.	

Fonte: Elaborado pelo autor

Na primeira linha do Quadro 1, temos duas sentenças simples (período simples). Observe que o nome, *livro*, repete-se nas duas sentenças. Para evitar essa repetição, por questões textuais (coesão e coerência), podemos transformar essas duas orações em uma sentença complexa (período composto por subordinação). A ideia é que um dos termos repetidos se transforme em um pronome relativo, *que*, por exemplo, e se conecte à outra oração, que será a principal/matriz. Na segunda linha do Quadro 1, *livro* foi transformado no relativo *que* (Maria comprou *que*). Sendo um relativo, o *que* precisa ocupar a posição mais à esquerda da relativa/encaixada para ficar adjacente ao NN ao qual se refere (*que* Maria comprou). Assim, temos a sentença complexa de (3) que contém uma relativa. Dito em outras palavras, *que*, um pronome relativo, funciona como objeto direto do verbo *comprar* e se move para a periferia esquerda da sentença relativa para, assim, ficar ao lado do termo a que se refere *o livro* (NN). Essa sentença encaixada/subordinada, *que Maria comprou*, recebe o nome de oração relativa e, na tradição gramatical, *oração subordinada adjetiva* (cuja explicação do termo será apresentada

---

é comumente utilizado em pesquisas gerativistas. Enquanto que no módulo gramatical (Apêndice A) apresenta-se o termo “oração”, por ser normalmente utilizado no nível de ensino básico.

mais adiante).

No PB, Eduardo Kenedy (2014) é um dos estudiosos que se dedica ao estudo das relativas. Segundo ele, há nove pronomes relativos que podem introduzir relativas: *quem*, *quanto*, *o que*, *quando*, *como*, *onde*, *cujo*, *que* e *qual*. No entanto, desse rol, as gramáticas tradicionais mencionam apenas *quem*, *quanto*, *onde*, *que*, *qual* e *cujo* (Cunha; Cintra, 2017, p. 357) como introdutores de relativas:

**Quadro 2** - Pronome relativo quem (refere-se a pessoa)

Eu conheço a pessoa	Maria conversou com a pessoa.
Eu conheço a pessoa	Maria conversou com quem.
Eu conheço a pessoa	quem Maria converou com ____.
<p>(4) *A pessoa quem Maria conversou com.</p> <p>(5) Eu conheço a pessoa com quem Maria conversou ____.</p>	

Fonte: Elaborado pelo autor

**Quadro 3** - Pronome relativo quanto (refere-se a quantia)

A polícia investiga o valor	O acusado vendeu a moto roubada pelo valor.
A polícia investiga o valor	O acusado vendeu a moto roubada por quanto.
A polícia investiga o valor	quanto O acusado vendeu a moto roubada por ____.
<p>(6) *A polícia investiga o valor quanto o acusado vendeu a moto roubada por.</p> <p>(7) A polícia investiga o valor por quanto o acusado vendeu a moto roubada ____.</p>	

Fonte: Elaborado pelo autor

**Quadro 4 - Pronome relativo onde (refere-se a lugar)**

A escola pegou fogo	Carlos estudou na escola.
A escola pegou fogo	Carlos estudou na onde.
A escola pegou fogo	onde Carlou estudou na ____.
<p>(8) *A escola onde Carlos estudou na pegou fogo.                  (9) *A escola na onde Carlos estudou pegou fogo.                  (10) A escola onde Carlos estudou pegou fogo.</p>	

Fonte: Elaborado pelo autor

**Quadro 5 – Pronome relativo qual**

Não entendi o e-mail	Miguel falou sobre o e-mail na reunião.
Não entendi o e-mail	Miguel falou sobre o qual na reunião.
Não entendi o e-mail	o qual Miguel falou sobre ____ na reunião.
<p>(11) */?Não entendi o email o qual Miguel falou sobre na reunião.                  (12) Não entendi o e-mail sobre o qual Miguel falou na reunião.</p>	

Fonte: Elaborado pelo autor

**Quadro 6 - Pronome relativo cujo (refere-se a pertencer/posse)**

O menino está triste.	O livro do menino foi perdido.
O menino está triste.	O livro cujo foi perdido.
O menino está triste.	cujo livro ____ foi perdido.
<p>(13) *O menino está triste cujo livro foi perdido.                  (14) O menino cujo livro foi perdido está triste.</p>	

Fonte: Elaborado pelo autor

Dos trabalhos em linguística formal, destacamos as seguintes propriedades das sentenças relativas e que devem ser de conhecimento dos professores da educação básica para um trabalho mais consciente e reflexivo.

A primeira propriedade refere-se aos pronomes *quem* e *quanto*. Esses pronomes, segundo Marchesan e Miotto (2014), são pronomes especificados, ou seja, incorporam traços semânticos de [+humano] e [+quantia], respectivamente. Por isso, só conseguem introduzir relativas se o NN também tiver esses traços. No entanto, em PB, essa adjacência entre o NN e o pronome relativo, ambos com o mesmo traço semântico, só é possível se houver uma preposição entre eles. Observe:

(15) a. \*A pessoa [quem \_\_ sacou seu dinheiro] evitou o confisco.

b. A pessoa [com quem/a qual ele se encontrou \_] evitou o confisco.

(Marchesan; Miotto, 2014, p. 46)

c. \*A polícia investiga o valor [quanto o acusado ganhou \_\_para roubar a moto].

d. A polícia investiga o valor [por quanto o acusado vendeu a moto roubada \_\_].

O pronome relativo *onde* incorpora um traço semântico de [+lugar] e, por isso, tradicionalmente, só deve ser utilizado quando o NN também contiver esse traço. A diferença é que esse pronome incorpora, em alguns casos, a preposição (*em que lugar*), como em (10), acima; repetido abaixo como (16a); e, em outros lugares, permite a preposição explícita:

(16) a. A escola [(\*/?na<sup>5</sup>) onde Carlos estudou] pegou fogo.

b. As escolas [por onde Carlos passou] estão assustadas.

Os relativos *que*, *qual* e *cujo* (e flexões) são, segundo Marchesan e Miotto (2014, p. 50), subespecificados. Por isso, conseguem introduzir relativas de qualquer tipo semântico, sendo ou não preposicionado:

---

<sup>5</sup> Em nosso julgamento, o uso de *na onde* é agramatical. No entanto, há estudos que mostram esse uso como possível, como o de Reis (2017), que investigou os usos de *onde*, *aonde* e *na onde* em dados coletados do ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) de acadêmicos de licenciatura de um Centro Universitário brasileiro a distância com, pelo menos ¼ do curso realizado, “representantes da norma culta urbana vigente no Brasil” (p. 132). Nesse *corpus*, a autora encontrou 72 ocorrências (de um total de 386 dados) de uso do *na onde*:

(i) organização e past *na onde* se guarda a vida escolar do aluno (PFF2) (Reis, 2017, p. 95)

(ii) construção da memória pesquisando o que funcionada há 30 anos atrás no prédio *na onde* está funcionando hoje a escola. (HFF1) (Reis, 2017, p. 95)

Da mesma forma, durante a defesa deste trabalho de TCC, os professores Aline P. Gravina e Paulo Medeiros Junior, membros da banca, confirmaram ser possível esse uso de *na onde*.

- (17) a. João viu *o carro/o menino/o cachorro* [que você acha bonito].  
b. João viu *o carro/o menino/o cachorro* [do qual você falou].  
c. João viu *o carro/o menino/o cachorro* [cuja fotografia você guarda].

(Marchesan; Miotto, 2014, p. 50)

- (18) a. João viu *o carro/o menino/o cachorro* [de que você falou].  
b. João viu *o carro/o menino/o cachorro* [sobre o qual você falou].  
c. João viu *o carro/o menino/o cachorro* [de cuja fotografia ninguém gostou].

A agramaticalidade das sentenças que contêm uma relativa, em (4), (6), (8) e (11), que estão nos Quadros 2, 3, 4 e 5 acima, deve-se ao fato de haver uma preposição órfã, solta na sentença, o que é permitido em algumas línguas, como o inglês, e mais restrito no PB como veremos na próxima seção.

De forma um pouco mais especializada, segundo De Vries (2002, p. 14), cujo texto analisa as relativas de 172 línguas naturais, a sentença relativa é subordinadas/encaixadas e está conectada à matriz por meio de um material compartilhado: o NN (também denominado de pivô, cabeça da relativa, antecedente). De acordo com o pesquisador, nas línguas naturais, o NN pode aparecer na oração matriz ou no interior da sentença encaixada. Por isso, as relativas são denominadas de pré-nominais (quando a relativa precede o NN), pós-nominais (quando a relativa sucede do NN) e circumnominais (quando o NN está dentro da relativa).

No caso do PB, o NN aparece na sentença matriz, antecedendo a relativa, ou seja, o PB é uma língua pós-nominal (a relativa está após o NN) e essa parece ser a explicação do nome dado ao NN nas gramáticas normativas tradicionais: antecedente. Essa é a segunda propriedade a ser apresentada.

Outra propriedade, terceira, também retirada de De Vries (2002), é em relação as funções sintáticas e semântica. Os passos descritos nos Quadros de 1 a 7, elaborados para fins de compreensão do fenômeno, sem implicação com as propostas de análise sintática formais, revelam que há uma estreita ligação entre o NN da sentença matriz e o pronome relativo. Apesar de haver essa relação, como característica adicional, De Vries (2002, p. 15) pontua que as funções sintáticas e semânticas exercidas pelo pronome relativo dentro da relativa independem das funções exercidas pelo NN da oração principal.

- (19) O rato [que eu peguei . ontem] estava com fome.

Nessa sentença, o NN, (rato) exerce a função sintática de sujeito na sentença matriz (O rato estava com fome) e o pronome relativo *que*, que é correferente ao NN, exerce a função sintática de objeto direto do verbo *pegar* na sentença encaixada/relativa (Eu peguei o rato). Por outro lado, o NN (rato) exerce a função semântica de agente na matriz e de experienciador na relativa (Eu peguei o rato).

Por estar adjacente a um NN (substantivo<sup>7</sup>, utilizando a terminologia normativista) e, por vezes, ter valor de adjetivo (Rocha Lima, 2020, p. 333; Cunha; Cintra, 2017, p. 615) já que caracteriza, específica o NN; a relativa exerce a função sintática de adjunto adnominal<sup>8</sup>. Por isso, a tradição gramatical denomina essas sentenças como orações subordinadas adjetivas: “As orações subordinadas adjetivas vêm normalmente introduzidas por um pronome relativo, e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente” (Cunha; Cintra, 2017, p. 615).

(20) João é um aluno [<sub>relativa</sub> que estuda muito].  
[<sub>adjetivo</sub> estudioso].

Rocha Lima (2020, p. 333) lembra que “O emprego de orações adjetivas permite que juntemos ao substantivo características mais complexas, para as quais, muitas vezes, não existem na língua adjetivos léxicos”. Ou seja, apesar de terem valor de adjetivo, nem sempre a

---

<sup>6</sup> Como esse projeto tem fins didáticos, em algumas relativas do PB, iremos apresentar o protocolo de constituição dessa sentença:

O rato estava com fome      eu peguei o rato ontem  
O rato estava com fome      eu peguei que ontem  
O rato eu peguei que ontem      estava com fome.  
O rato que eu peguei ontem estava com fome.

<sup>7</sup> Este trabalho se restringe às relativas do tipo restritivas (or. sub. adjetivas restritivas). Essas, em PB, são precedidas por sintagmas nominais. As relativas não-restritivas (or. sub. adjetivas explicativas), conforme De Vries (2002) e Medeiros Junior (2020), podem ser antecedidas por outros NN. Observe os exemplos de Medeiros Junior (2020, p. 84):

- (i) a. Eles correram *rapidamente*, o que surpreendeu a todos. (NN: advérbio)
- b. Eles negaram serem *culpados*, o que de fato eram. (NN: adjetivo)
- c. Ela veio *de Brasília*, onde de fato nasceu. (NN: sintagma preposicional)

<sup>8</sup> Tradicionalmente, o adjetivo pode exercer duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo. O predicativo ocorre em casos em que há algum material entre o adjetivo e o elemento ao qual ele se refere. O fato de a relativa estar adjacente ao elemento ao qual ela se refere, confere a ela a função sintática de adjunto adnominal (para a GT).

relativa poderá ser transformada em um adjetivo (cf. 21).

- (21) a. João é um aluno [que tem dificuldade em matemática]  
b. \*João é um aluno [difícil em matemática].

No entanto, como bem lembra Figueiredo Silva (2020, p. 219), escapou aos gramáticos o fato de que o contrário também ocorre, ou seja, há adjetivos que não podem ser transformados em orações adjetivas:

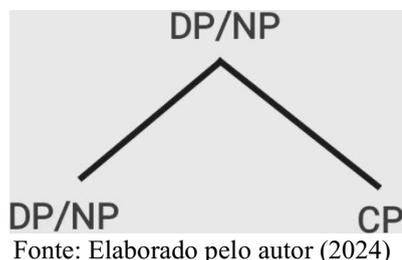
- (22) a. Um [velho] amigo abraçou o meu irmão  
b.# Um [que era velho] amigo abraçou o meu irmão.

(Figueiredo Silva, 2020, p. 220)

A hashtag indica que a sentença é possível, mas ela não tem o mesmo sentido de (22a). Enquanto que na sentença (22a), há o adjetivo *velho*, descrevendo a amizade antiga; (22b) indica que o amigo era de idade. Assim, mesmo quando é possível transformar o adjetivo em relativa, o sentido pode não ser o mesmo.

Logo, distancia-se a relação entre o que os gramáticos chamam de adjetivos e as orações adjetivas, segundo Figueiredo Silva (2020, p. 219). Ainda assim, a relativa se refere, modifica, restringe o núcleo nominal que a precede, exercendo a função sintática de adjunto adnominal, como já apontado anteriormente e formalizado abaixo (essa é a quarta propriedade):

Figura 1: Árvore sintática de uma sentença relativa



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Essa análise, proposta por Chomsky (1977), coloca a relativa dentro do CP (Sintagma Complementizador) e como adjunto adnominal de um Sintagma Nominal (NP, do inglês *Nominal Phrase*). Ainda que essa proposta tenha sido praticamente substituída por outra, *Raising Analysis* (Kayne, 1994), que coloca a relativa como complemento de um determinante, neste trabalho, adotaremos a formalização Chomskyana, por ser essa a representação que coloca

a relativa como adjunto adnominal, função sintática das relativas para o ensino gramatical no ensino básico.

Em resumo, nesta seção, vimos que, nas construções que contêm relativas, (i) há a presença de um Núcleo Nominal (NN) explícito que precede imediatamente a relativa; (ii) a relativa pode ser introduzida, para os tradicionalistas, pelos pronomes relativos: *quem*, *quanto/a(s)*, *onde*, *que*, *o/a(s) qual(is)*, *cujo/a(s)*; (iii) apesar de a relativa ter uma relação de adjunção com o NN, sendo o pronome relativo correferente ao NN, o NN e o pronome relativo são independentes sintática e semanticamente; e (iv) a relativa exerce a função sintática de adjunto adnominal, uma das funções sintáticas exercida pelos adjetivos.

No módulo didático elaborado (Apêndice A e B), as propriedades descritas aqui serão utilizadas como forma de instigar o conhecimento e ampliar a reflexão sobre a relativização, ampliando o conceito já existente em sala de aula. E ainda, na próxima seção, serão apresentados os tipos de relativas que serão foco da proposta de sequência didática.

### 1.1.1 Tipos de relativas preposicionadas

Tarallo (1983), um dos pioneiros na análise das relativas do PB, define três tipos de relativas preposicionadas: padrão, resumptiva e cortadora.

- (23) a. Eu tenho o livro *de que Maria falou*.  
 b. Eu tenho o livro *que Maria falou de*.  
 c. Eu tenho o livro *que Maria falou dele*.

A sentença encaixada de (23a), em itálico, é a que atende a prescrição dos gramáticos tradicionais e, por isso, é chamada de relativa padrão ou, nomenclatura de Tarallo (1983), relativa Padrão *Pied-piping*:

**Quadro 7:** Relativas preposicionadas: padrão, resumptiva e cortadora

Eu tenho o livro.	Maria falou do livro.	
Eu tenho o livro.	Maria falou de que.	
(1) Eu tenho o livro <i>que</i> Maria falou de ____.		
(1a) Eu tenho o livro <i>de que</i> Maria falou.	(1b) Eu tenho o livro <i>que</i> Maria falou.	(1c) Eu tenho o livro <i>que</i> Maria falou dele.

Fonte: Elaborado pelo autor

Observe que, após o movimento do pronome relativo *que* para a periferia à esquerda da relativa, ficamos com uma construção agramatical em PB *\*Eu tenho o livro que Maria falou de*. Nesse caso, para a formação da sentença (23a), o pronome relativo carrega consigo a preposição (por isso, *pied piping* em alusão ao flautista de Hamelin, no conto *O flautista de Hamelin* do escritor inglês Robert Browning (1812-1889) (no original, em inglês: *The Pied Piper of Hamelin*), que foi contratado por uma cidade para eliminar os ratos, encantado-os com sua flauta (*pipe*). Assim como no conto, em que os ratos seguem o flautista (o *pied-piper*), no sentido linguístico, o sintagma preposicional seria o rato que segue o movimento do sintagma nominal, que seria o flautista, para a periferia esquerda da relativa), dando origem à relativa padrão do tipo preposicionada. Essa relativa, como veremos na próxima seção, não é adquirida de forma natural; precisa ser ensinada na escola.

Quando, ao invés de carregar (movimentar) a preposição, ela é simplesmente apagada, como em (23b), a mais produzida entre as relativas preposicionadas, temos a relativa cortadora. Ou seja, diferentemente da padrão, a preposição não é “pronunciada foneticamente” (Valer, 2008, p. 38), ou seja é “cortada”.

Outra opção possível, para não apagar a preposição, e não movê-la com o pronome relativo, é a estratégia de adicionar um pronome pessoal que seja correferente ao NN da matriz. Essa é a estratégia (23c), que ficou conhecida como relativa resumptiva ou relativa com pronome lembrete.

Nessa oração, (23c), observa-se que, para manter a preposição no final da sentença, a estratégia é juntá-lo ao pronome *ele*, correferente ao NN *livro*, formando *dele*.

Por fim, um tipo de relativa mais restrita no PB<sup>9</sup>, mencionada por Tarallo (1983), mas não arrolada por ele no rol de relativas do PB, mas recorrente em outras línguas, como o inglês:

- (24) a. I have the book that Mary talked about.  
b. Eu tenho o livro que Maria falou sobre.  
c. \*Eu tenho o livro que Maria falou de.

---

<sup>9</sup> Um recente estudo de Augusto e Orlando (2023) analisou as relativas com preposição órfã no PB por meio de duas tarefas psicolinguísticas aplicadas a brasileiros com pouco domínio de inglês e a brasileiros bilíngues PB/inglês. Para as tarefas, de julgamento de aceitabilidade e de produção eliciada, os autores dividiram as preposições em dois grupos: as com maior (*sobre, contra*) e menor (*de, em, para*) propensão a ficarem órfãs. Dentre os resultados, o que nos interessa aqui é o fato de os falantes de PB (assim como os bilíngues) terem tido maior propensão a aceitar como gramaticais relativas com preposição órfã que utilizam as preposições do tipo *sobre, contra*, que são preposições que não se amalgamam a artigos/determinantes (como *do, no, pro* do outro grupo). Para as autoras, essas parecem ser estruturas inovadoras “já bem aceitas e naturalmente produzidas pelos falantes de PB” (p. 715).

Salles (2003) propõe que a contração entre preposição e artigo é a expressão morfofonológica da formação de um núcleo complexo [P+D] na sintaxe, que obriga o carreamento da preposição” (Augusto; Orlando, 2023, p. 697), ou seja, com uma preposição como *de*, que pode se contrair com os artigos *a* e *o*, formando *da* e *do*, há duas opções: relativa cortadora ou o carreamento da preposição para formar uma relativa uma padrão PP, o que explicaria a agramaticalidade de (24c), acima. Por outro lado, os autores indicam que preposições como *sem* e *contra*, que não se contraem com determinantes, mostram-se bastante propensas ao isolamento em PB, constituindo-se como construções inovadoras e podendo formar relativas com preposição órfã, como em (24b).

Das sentenças preposicionadas apresentadas em (23), apenas (23a) é prescrita nas gramáticas tradicionais. (24b), com preposição órfã, não é mencionada pelos gramáticos, mas pode ser considerada uma relativa padrão. As demais, resumptiva (23c) e cortadora (23b), são consideradas “incorretas” pela visão tradicional, mas, por vezes, são as únicas produzidas pelos alunos ao chegarem à escola, como evidenciam os estudos de Kenedy (2007) e de Keenan e Comrie (1977) que estão descritos nas próximas seções.

### 1.1.2 A antinaturalidade de pied-piping e Hierarquia da Acessibilidade

Segundo Kenedy (2007), as relativas preposicionadas (do tipo padrão ou *pied piping*) não são adquiridas de forma natural, ao contrário das outras (resumptiva e com pronome lembrete). O autor argumenta e demonstra, a partir (i) de análise de *corpus* de várias línguas (incluindo o PB), (ii) de estudos sobre aquisição de linguagem e (iii) da aplicação de um experimento de julgamento de aceitabilidade; que o movimento da preposição para a periferia esquerda da relativa é mais custoso de ser gerado em um sistema computacional e viola certas Condições de Economia da Faculdade da Linguagem formuladas por Chomsky (1995 *apud* Kenedy, 2007, p. 6). No seu trabalho, Kenedy advoga que as relativas padrão preposicionadas (que ele abrevia como Ppp) são aprendidas de forma artificial na educação formal (na escola), ou seja, “[...] o aprendizado de relativas Ppp deve ser necessariamente artificial, mediado pelo contato com a língua escrita formal, e demanda estratégias cognitivas que vão de encontro à natureza minimalista da Faculdade da Linguagem” (Kenedy, 2007, p. 6).

Além disso, Keenan e Comrie (1977), em texto clássico, sugerem que haja uma Hierarquia de Acessibilidade das possibilidades de relativização entre as línguas. O estudo envolveu a análise de dados de aproximadamente 50 línguas naturais e postulou a seguinte

Hierarquia (o símbolo > indica que a função anterior é “mais acessível que” a posterior) :

(25)

Sujeito > Objeto Direto > Objeto Indireto > Oblíquo > Genitivo > Objeto de Comparação

(Keenan; Comrie, 1977, p. 66)

Essa Hierarquia indica as relativas de sujeito, ou seja, aquelas em que o pronome relativo está na função sintática de sujeito, como mais acessíveis do que as de objeto direto; as de objeto direto, mais acessíveis do que as de objeto indireto e assim sucessivamente. Além disso, para os autores, uma língua que apresenta relativa de objeto indireto, por exemplo, necessariamente, apresentará as relativas mais à esquerda (de objeto direto e de sujeito). Portanto, as relativas de sujeito podem ser consideradas primárias, porque toda língua que tiver construções relativas, produzirá relativas na função de sujeito. Em relação ao processamento e compreensão cognitivos, os autores afirmam que se o falante consegue processar uma relativa de objeto indireto, por exemplo; ele conseguirá processar aquelas mais à esquerda (mais acessíveis) na Hierarquia. Isso nos sugere que as relativas preposicionadas (objeto indireto, oblíquo e genitivo), por estarem mais à direita na Hierarquia de Acessibilidade, são as de processamento mais demorado e, portanto, a estratégia cortadora seria a alternativa mais rápida. Como exemplos de cada um dos tipos no PB, juntamos objeto indireto e oblíquo, e deixamos de fora as relativas objeto de comparação por não ser foco deste estudo<sup>10</sup>, temos<sup>11</sup>:

- (26) a. O rapaz [[que]<sub>sujeito</sub> está \_\_\_ à direita] é estranho.  
b. Eu recebi essa mensagem [[que]<sub>objeto direto</sub> não esperava \_\_\_].  
c. Miguel estuda as relativas [[de que]<sub>objeto indireto/oblíquo</sub> eu gosto \_\_\_].  
d. Eu encontrei o menino [[cujo]<sub>genitivo</sub> pai \_\_\_ morreu].

(Figueiredo Silva, 2020, p. 241)

A proposta didática (Apêndice A) apresentada neste trabalho está atenta a essa característica. Por isso, a organização das atividades sobre relativas preposicionadas inicia com

---

<sup>10</sup> Como exemplo de relativa objeto de comparação, os autores apresentam:  
John is taller [[than]<sub>objeto de comparação</sub> the man]. (Keenan; Comrie, 1977, p. 66)

<sup>11</sup> Os autores lembram que em algumas línguas, a distinção entre essas funções sintáticas não é tão estrita (Keenan; Comrie, 1977, p. 66)

a análise de sentenças que contêm cortadoras e resumptivas, mais acessíveis, e escalonadamente, apresenta as posições mais à direita, as que mais focaremos: as relativas preposicionadas (de objeto indireto, oblíquo e genitivo).

Outra pesquisa com dados relevantes, e que, ainda que indiretamente, confirmam a Hierarquia de Acessibilidade descrita em (25), é a de Corrêa (1998, 1999), feita com alunos e professores de uma escola de educação básica. Segundo a autora, a pesquisa evidenciou que os professores do antigo segundo grau (hoje ensino médio) tenderam a aceitar sentenças cortadoras como pertencentes à norma culta. Em relação aos alunos, a produção de relativas preposicionadas em textos escritos começou a aparecer nas produções da 6ª série (Corrêa, 1999, p. 92) - a pesquisa foi com alunos do 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Nesse trabalho, Corrêa concluiu que:

Os dados empíricos comprovam que são consumidos anos de escolaridade antes que a relativa preposicionada, padrão, possa ter uso produtivo. Essa estratégia praticamente não é usada mesmo por muitos que freqüentaram os bancos escolares. Alunos do ensino médio, quando induzidos a usá-la, podem rejeitar essa estratégia, substituindo-a por outras construções sintáticas. Podem ainda produzir hipercorreções e hesitações na fala (Corrêa, 1999, p. 100).

Essa pesquisa sugere que as relativas preposicionadas sejam aprendidas na escola, e, ainda, que demoram para ter seu uso produtivo, devido a dificuldade em aplicá-las. Ademais, a partir dos estudos com os primeiros anos de escolarização, Corrêa (1999) observou que as sentenças mais produtivas na fala são as de sujeito, seguidas das de objeto direto, corroborando a proposta da Hierarquia de Acessibilidade (Corrêa, 1998, p. 76).

## **2 Conhecimentos de que o professor precisa para compreender a proposta elaborada neste trabalho**

Na última década, os estudos em teoria formal têm também direcionado esforços para outro campo de atuação: a sala de aula. Nessa transposição didática, diversos pesquisadores buscam criar propostas que utilizem as descrições acuradas já feitas em sintaxe formal para a sala de aula, como os trabalhos de Guerra Vicente e Pilati (2012) sobre eliciação de conhecimento, o de Pires e Quarezemin (2016) sobre a construção de gramáticas, a proposta de uso da metodologia linguística ativa de Pilati (2017), o trabalho de Medeiros Junior (2020a) sobre o ensino de gramática, os trabalhos de Tescari Neto (2023) sobre julgamento de gramaticalidade e a diferença entre análise linguística e ensino de gramática, o trabalho de

Othero e Kenedy (2019) e Tescari Neto (2023) sobre o nível de análise na sintaxe.

Dessas pesquisas, extraímos três aspectos que consideramos no momento da elaboração do módulo de gramática (Apêndice A) para o trabalho com as relativas preposicionadas:

(27)

- a. o trabalho com gramáticas, partindo da gramática internalizada (língua I) para chegar às regras prescritas pela norma padrão, através da técnica da eliciação;
- b. o uso da evidência negativa e dos julgamentos de gramaticalidade e
- c. a consciência sobre o nível de análise: da oração para o texto ou do texto para a oração .

Para discorrer sobre o **trabalho com gramáticas** (27a), temos que, antes, lembrar que a presença dos estudos linguísticos no ensino básico é recente (Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016, p. 28). Sua influência iniciou no final dos anos 1970 com o questionamento sobre o modo de ensinar gramática na escola e a crítica ao ensino de gramática normativa. Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998), em 1998, nas aulas de língua portuguesa, passou-se a privilegiar a aprendizagem de escrita e leitura, por meio de textos, deixando de lado aspectos gramaticais.

Essa centralidade no trabalho com o texto nas aulas de língua portuguesa manteve-se, como esperado, na publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), sinalizando a importância da análise gramatical como meio de potencializar/ampliar a compreensão e produção no texto pelos alunos. Nessa visão, a análise gramatical não poderia ser trabalhada como um fim em si mesma, mas deve ser trabalhada.

Nesse cenário, os estudos linguísticos têm se debruçado sobre como trabalhar (metodologia/s mais adequada/s) e qual o espaço da gramática nas aulas de língua portuguesa. Para a linguística gerativa<sup>12</sup>, as aulas de gramática devem partir “de uma descrição da gramática internalizada e de uma descrição das regras da gramática-alvo, já descrita pelas normas gramaticais, para levar o aluno a um domínio das regras dessa última” (Tescari Neto; Bergamini-Perez, 2023, p. 17).

Por outro lado, Pilati (2020) destaca em sua análise a ausência dos estudos sobre a

---

<sup>12</sup> O gerativismo, iniciado por Noam Chomsky, defende que o ser humano é naturalmente dotado de habilidades linguísticas, ou seja, tem um aparato biológico que o predispõe a aprender a língua do meio ao qual está inserido de forma natural. Além disso, pontua que a língua é regida por um sistema de regras universais (conhecido como Gramática Universal - GU) que permite a produção de um número infinito de sentenças, de forma criativa, a partir de um número finito de regras.

faculdade da linguagem na BNCC, uma vez que o documento apenas sinaliza a importância da análise gramatical como meio de potencializar a compreensão e produção no texto. No entanto, o documento não apresenta condições mínimas para essa potencialização, que, na visão da autora, poderia ser alcançada por meio do trabalho consciente com a gramática implícita (ou seja, gramática internalizada/inata) do falante, bem como com a capacidade criativa que todos falantes tem (conforme estudos gerativistas).

Em perspectiva semelhante, Medeiros Junior (2020a) argumenta que o ensino a partir da lógica gerativista, levando em consideração o conhecimento que o aluno já possui de sua língua (gramática internalizada), é fundamental para uma apropriação consciente e relevante da gramática da língua. Para ele, a gramática é uma importante ferramenta no ensino, “Como eu já disse insistentes vezes e quero repetir: ninguém escreve bem sem a consciência da sintaxe. A tomada de consciência e a reflexão metalinguística são, nesse caso, requisitos básicos para o desenvolvimento de tais habilidades” (Medeiros Junior, 2020a, p. 27).

Chomsky e Gallego (2020) afirmam que o estudo da linguagem a partir de uma perspectiva biológica possibilita uma janela para a mente, estimula a criatividade e, conseqüentemente, a melhor compreensão dos alunos sobre o tema. Pires de Oliveira e Quarezemin (2016, p. 22) pontuam que essa abordagem também permite a valorização das diversidades linguísticas.

As autoras, Pires de Oliveira e Quarezemin (2016), também propõem o ensino de gramática por meio de uma perspectiva científica, no qual se trabalha a linguagem como um fenômeno observável e o aluno como um cientista que observa a linguagem para assim produzir suas reflexões:

[...] a mola propulsora do conhecimento é a curiosidade; não há nada mais eficiente do que atizar a curiosidade dos alunos para que eles tenham interesse em aprender algo. Ser curioso. [...] mas isso não quer dizer que o conhecimento não possa ter finalidade prática - pode sim, mas essa não é a sua principal motivação (Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016, p. 167).

Além disso, a **eliciação do conhecimento**, definida como “uma técnica de ensino que corresponde ao ato de extrair dos alunos informação previamente conhecida, antes que a eles seja apresentado conteúdo novo” (Guerra Vicente; Pilati, 2012, p. 11) também foi considerada na elaboração do Módulo de gramática. Nesta perspectiva, parte-se dos conhecimentos que o aluno já possui sobre sua língua, servindo de motor para despertar o interesse do aluno, ao demonstrá-lo que já possui esses conhecimentos prévios.

Nesse sentido, partir da gramática internalizada possibilitará a reflexão consciente do

aluno, ao fazer comparações delas com a gramática normativa e outras variedades não-padrão (outras gramáticas). Essa perspectiva é central neste trabalho, pois o uso da gramática internalizada e de outras gramáticas (variantes) serão necessários para a reflexão sobre os usos e funcionamento da relativa preposicionada na versão prescrita pela gramática normativa.

O uso de testes de julgamento de gramaticalidade (27b) é uma metodologia fortemente empregada pela linguística gerativa. Por ter uma gramática internalizada, o aluno é capaz de julgar as sentenças de sua língua como (a)gramaticais, sendo gramaticais as sentenças geradas naturalmente, independentemente de instrução formal.

Tal procedimento metodológico permite obter informações sobre o conhecimento internalizado que o falante tem a respeito da gramática de sua própria língua, gramática aqui entendida como conjunto de regras que o falante efetivamente domina [gramática internalizada] e que foram adquiridas nos seus primeiros anos de vida a partir da exposição natural a uma ou mais línguas (Tescari Neto; Pereira, 2021, p. 5).

Dentro das atividades de julgamento de gramaticalidade, o uso da **evidência negativa** (27b), ou seja, de sentença agramaticais, será importante para promover a recuperação da autoestima linguística dos estudantes que, por vezes, como apontam Pires de Oliveira e Quarezemin (2016), têm aversão à gramática e insegurança para julgar as sentenças de sua própria língua. Ou seja, “o falante conhece a língua do outro, reconhece e julga os proferimentos de sua língua” (Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016, p. 101).

Cabe destacar que gramaticalidade não se confunde com correção gramatical. Essa é considerada como os “juízos de valor sobre a forma produzida/possível a ser empregada em tal e tal contexto” (Tescari Neto; Pereira, 2021, p. 5):

- (28) a. João comprou o livro de que Maria falou.
- b. João comprou o livro que Maria falou dele.
- c. João comprou o livro que Maira falou.

As sentenças em (28) são gramaticais, apesar de (28b) e (28c) corresponderem a formas não prescritas na tradição gramatical. Ou seja, (28b) e (28c) são sentenças possíveis apesar de serem estigmatizadas (sobretudo (28c) em alguns contextos sociais. Portanto, o julgamento de gramaticalidade “não envolve critérios sociais e estilísticos, mas tão somente critérios puramente gramaticais” (Tescari Neto; Pereira, 2021, p. 5).

Conforme apontam Tescari Neto e Pereira (2021), essa metodologia de julgamento de gramaticalidade, apesar de não ser mencionada nos documentos oficiais, está de acordo com a

indicação de que o estudo de gramática parta da reflexão sobre o funcionamento da língua: “Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas” (Brasil, 2018, p. 137).

Como visto até aqui, a aula de língua portuguesa tem como objeto de estudo, em linhas gerais, o texto, por ser essa a forma de trabalho estipulada pela BNCC a partir da mudança de paradigma proposta por autores como Geraldi (1984):

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 67).

Para tanto, a prática de análise linguística deve ser “incluída de forma articulada às habilidades relativas às práticas de uso - leitura/escuta e produção - de textos” (Brasil, 2018, p. 82). No entanto, quando o assunto é análise linguística e estudos sintáticos, o debate se desdobra em como desenvolver essas atividades sobre a centralidade do texto, ou seja, desenvolver as habilidades linguísticas a partir **da oração para o texto ou do texto para a oração** (27c). Na perspectiva de Tescari Neto:

Se assumirmos [...] que o texto é constituído de unidades menores (no caso dos textos escritos, de parágrafos, períodos, frases e morfemas), a importante questão da ‘direcionalidade’ da análise — se *top-down*, como nas versões da análise linguística que abraçam uma orientação mais funcionalista [...]; se *bottom-up*, como em abordagens sintaticocêntricas à la ‘modelo em T’ de Chomsky (1995) [...] passa a figurar como uma questão a não ser jamais desconsiderada por quem Prática Linguística Educacional. Pode-se inclusive argumentar que os objetos linguísticos explorados em ambiente escolar, multifacetados que são por natureza (Pilati, 2018), permitem um tratamento a partir de diferentes perspectivas. (2023, p. 16).

Portanto, entende-se que a depender do objeto linguístico, a perspectiva de trabalho muda, enquanto o modelo *top-down* trabalha em consonância com o texto como ponto de partida; por outro lado, o *bottom-up* trabalha o texto como ponto de chegada, partindo do nível menor ao maior. Em concomitância, Othero e Kenedy argumentam que o nível de trabalho da sintaxe é a frase:

A Sintaxe possui também uma unidade máxima de análise: a frase, entendida como período ou sentença. Acima dessa unidade, têm lugar fenômenos mais complexos da linguagem, tais como o texto e o discurso, os quais, por sua vez, costumam ser objeto

de estudo de outros níveis da descrição linguística, como a Pragmática e a Análise Discursiva (Othero; Kenedy, 2019, p. 9).

Nessa perspectiva, as propostas elaboradas neste trabalho foram construídas a partir do modelo *bottom-up*, no qual centralizamos as análises linguísticas sobre o nível sintático. Por isso, em diversos momentos, as atividades partem de frases “soltas”, mas que são assim dispostas com o objetivo de conduzir atividades no nível da sintaxe. E, ainda, entendemos que o uso de textos para esse planejamento poderia ser interpretado como um pretexto para se trabalhar gramática.

### **3 Contribuições para o ensino das relativas preposicionadas: análise da proposta de módulo gramatical**

Nesta seção, explicaremos, cientificamente, as escolhas feitas para a elaboração do “Módulo Gramatical: orações relativas adjetivas preposicionadas” (Apêndice A). Na esteira de Tescari Neto e Bergamini-Perez (2023, p. 12), acreditamos que a “Linguística Teórica oferece não só ferramentas de análise que possibilitam a descrição das estruturas [...] como também ferramentas de análise que possibilitam a compreensão das regras subjacentes à norma-padrão”. É sobre essas contribuições dos estudos formalistas ao ensino da norma padrão, já apresentados nas seções precedentes, que discorreremos nesta seção.

A indicação é que o material proposto seja utilizado em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II. O material pode ser ministrado por um período de 8 horas/aula, mas isso pode variar de acordo com a proposta utilizada pelo professor, podendo ser um complemento ao livro didático ou ser incorporado ao planejamento do docente. Importante lembrar que as atividades propostas referem-se apenas às relativas preposicionadas, por tanto, é imprescindível que o aluno já tenha visto as estruturas mais simples antes (cf. Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977)).

Ademais, cabe destacar que esta proposta buscou contemplar as seguintes habilidades da BNCC: “reconhecer as variedades linguísticas do português falado e o conceito de norma-padrão” (EF69LP55) (Brasil, 2018, p. 161), “fazer uso consciente e reflexivo de regras da norma-padrão” (EF69LP56) (Brasil, 2018, p. 161) e “analisar a modalização realizada em textos noticiosos e argumentativos, por meio das modalidades apreciativas, viabilizadas por classes e estruturas gramaticais” (EF89LP16) (Brasil, 2018, p. 181).

O material se encontra dividido em quatro seções, em consonância com a proposta de

Pilati (2020), que sugere o uso da metodologia linguística ativa e de materiais concretos e/ou manipuláveis: (i) avaliação do conhecimento prévio, (ii) experiências de descoberta e reflexão linguística, (iii) organização e apresentação das ideias e (iv) aplicação dos conhecimentos em texto. A proposta da pesquisadora é a de que os alunos sejam protagonistas do processo que os leve a reflexão linguística. Sobre o uso de material concreto, apresentamos a atividade 6 com duas propostas diferentes de execução, sendo possível ser executado como um exercício, com uso de lápis/caneta ou em formato de jogo, com uso de material concreto.<sup>13</sup>

A atividade 1 da primeira seção “Avaliação do conhecimento prévio” apresenta um texto sem coesão, por causa da repetição de termos, e tem como objetivo fazer o aluno reconhecer a falta do uso de recursos coesivos, como a estratégia de relativização. Nesta perspectiva, “[...] o ponto de partida é sempre a intuição do aluno sobre as línguas” (Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016, p. 108).

A atividade 2 tem como objetivos avaliar o conhecimento prévio dos alunos, utilizando um teste de gramaticalidade com as orações que serão estudadas na sequência: relativa padrão, cortadora, resumptiva, com pronome lembrete e com preposição órfã. O estudante deverá escolher em quais contextos as sentenças são mais ou menos aceitáveis e até inaceitável (agramatical). Essa proposta, como pontuado anteriormente, auxiliará para verificar os conhecimentos inatos e prévios dos alunos e, também, servirá para aumentar a autoestima (diminuir o bloqueio) daqueles alunos que consideram não saber a gramática de sua língua e que, por isso, tem aversão às aulas de língua portuguesa.

Na segunda seção, intitulada “Experiências de descoberta e reflexão linguística”, é proposto, na Atividade 3, um debate sobre as escolhas realizadas pelos alunos para a montagem do quadro de gramaticalidade. As perguntas orientadoras fornecem um “pontapé” inicial para a reflexão linguística, uma vez que até esse ponto, ainda não há conceitos estruturados ou metalinguagem, mas proporciona aos alunos o início da reflexão sobre os aspectos inatistas da língua. Além disso, a proposta possibilita ao aluno o reconhecimento dos usos da língua e inicia um debate sobre o conceito de gramáticaS, sem a necessidade de que o professor apresente respostas “corretas” às questões, ainda que o material forneça sugestões de respostas ao professor para guiar o debate (Apêndice B). É essencial que o aluno seja incentivado a expor seu ponto de vista sobre as questões e traga outros exemplos de usos, nessas e em outras atividades de oralidade, pois é assim que o aluno desenvolve sua aprendizagem ativa (Pilati,

---

<sup>13</sup> Em nossa perspectiva, entendemos que a metodologia da aprendizagem linguística ativa, de Pilati (2017), pode ter ou não o uso de materiais concretos, dado que, apesar de a autora enfatizar esse uso, metade das oficinas propostas no livro (Pilati, 2017) não utilizam material concreto (Oficinas 3, 4 e 6).

2017).

Na quarta atividade, o aluno encontrará um *post* do linguista Sirio Possenti sobre as relativas cortadoras<sup>14</sup>. O objetivo da atividade é, através do comentário feito por Possenti, questionar os conhecimentos sobre gramáticaS e possibilitar ao aluno conhecê-la, além de apresentar o campo de estudos linguísticos. Esse intento busca aproximar e construir com o aluno os conceitos de gramática tradicional, normativa, prescritiva e internalizada de forma construtiva a partir da análise de um texto real - de mídia social, pois:

Essas são atividades mais gerais que preparam o aluno para olhar com mais cuidado para a gramática de uma língua em particular. Mas que não são normalmente desenvolvidas nas aulas de português em que se assume, equivocadamente, que há uma única gramática (Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016, p. 168).

A quinta atividade apresenta um trecho de uma gramática normativa, ampliando o debate iniciado anteriormente. Como sugestão, essa atividade poderá ser realizada de forma escrita, respondendo às questões propostas. As perguntas, além de relacionarem com o debate anterior, expandem conceitos, como a definição de erro/desvio gramatical, e a diferença entre gramáticaS internalizada e normativa. Nas sugestões de resposta (Apêndice B), que fizemos ao professor, está posto que é recomendado realizar a atividade, apresentando aos alunos uma ou mais gramáticas, assim o aluno poderá entrar em contato com o material normativo. O debate sobre gramáticaS propõe a apresentação de uma “[...] perspectiva que entende o que é uma gramática e para que ela serve” (Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016, p. 29).

O terceiro tópico, “Organização e apresentação das ideias”, inicia com a Atividade 6<sup>15</sup>, propõe aos estudantes que construam uma sentença complexa a partir da junção de duas orações (atividade baseada na proposta feita por Figueiredo Silva, 2020, p. 241). Observe que todas as sentenças selecionadas possuem um verbo transitivo indireto regido por uma preposição. Nesse momento, é ideal que o estudante possa livremente escolher a melhor maneira de juntar as duas sentenças, mas é interessante que o professor lembre os alunos de observarem as preposições que constam nas orações da segunda coluna.

Como segunda opção para a execução dessa atividade, utilizando material concreto, conforme Pilati (2017), sugerimos a execução de um jogo didático de organização das frases em forma recortável e com uso de diferentes cores. Nesta atividade, o aluno receberá as duas

---

<sup>14</sup> Agradecemos à Bruna Marzullo Fonseca que, durante uma aula de sintaxe da pós-graduação, trouxe o *post* para discussão.

<sup>15</sup> Realizamos um teste dessa atividade, de forma informal, com colegas do curso de Letras que ainda não tinham estudado as relativas na perspectiva gerativista. Os resultados nos ajudaram a aprimorar a atividade. Agradecemos aos colegas pela colaboração.

frases separadas e deverá juntá-las, eliminando o elemento repetido e a transformando em uma sentença relativa. O uso dessa segunda proposta depende da aceitação da turma, no qual o docente poderá avaliar se a turma desenvolverá melhor a atividade de forma escrita ou em formato de jogo de palavras com uso de material concreto/manipulável.

A atividade 7 possibilita a discussão sobre a construção das orações elaboradas na atividade 6. Importante o professor ficar atento ao fato de que o aluno poderá juntar as orações de formas diferentes do que está proposto no enunciado da atividade. Na primeira, por exemplo, *Eu tenho o livro/ Maria falou do livro*, seria possível:

(29) Eu tenho o livro que Maria falou./ Eu tenho o livro que Maria falou sobre./ Eu tenho o livro e Maria falou do livro./ Eu tenho o livro, pois Maria falou dele...

Além disso, a atividade 7 possibilita um momento de debate e reflexão acerca do uso das relativas como recurso linguístico para evitar a repetição de termos, especialmente do núcleo nominal (antecedente, nos termos normativistas). Caso os alunos não recorram espontaneamente à relativização, o manual do professor (Apêndice B) orienta que o docente apresente essa estratégia. Especificamente, a questão (d) propõe que o estudante explique, com base no processo aprendido na atividade anterior, a formação das orações da primeira atividade. Por fim, questiona o aluno a identificar e explicar o emprego da preposição nas orações.

Na sequência, a questão (g) apresenta um protocolo para a construção de orações subordinadas adjetivas preposicionadas. Tal modelo segue a proposta de Pilati (2017), que defende a elaboração de protocolos como forma de possibilitar ao aluno a construção consciente de estruturas sintáticas (passo a passo), observado o fenômeno linguístico como um cientista da língua. Convém ressaltar que o quadro apresentado após o protocolo funciona como um recurso de apoio, servindo tanto como lembrete do conceito de contrações envolvendo preposições quanto como apresentação a outros pronomes relativos.

A partir do protocolo apresentado, as atividades 8 e 9 propõem que se realize o processo de desconstrução de três orações relativas. Assim, o aluno poderá reconhecer quais sentenças fazem parte da subordinação e realizar o processo inverso aprendido.

A questão b da atividade 9 tem como objetivo identificar e nomear as orações. Nessa atividade, é utilizada a metalinguagem para a categorização das relativas, uma vez que, conforme argumenta Medeiros Junior (2020, p. 27), essa prática é um meio eficaz para o estudante desenvolver habilidades linguísticas.

A última seção “Aplicação dos conhecimentos em texto” propõe uma atividade de produção textual no formato de *post* para rede social, permitindo ao estudante a prática de escrita a partir de um gênero atual e socialmente significativo. Tal proposta está alinhada à habilidade EF89LP02 da BNCC, que prevê a produção de textos em diferentes formatos e mídias; além de contemplar a competência geral nº 5 da BNCC, que propõe:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018, p. 9).

A atividade objetiva que o aluno utilize suas palavras para explicar um fenômeno linguístico e argumentar a respeito das noções de gramática abordadas nesta seção. Dessa forma, a atividade promove uma prática de explicação metalinguística sobre o próprio fenômeno linguístico.

De modo geral, as atividades elaboradas atendem aos objetivos propostos neste trabalho e oferecem aos alunos e professores um material didático (módulo de gramática) elaborado de maneira planejada e atenda aos diversos pressupostos teóricos apresentados ao longo deste trabalho.

#### **4 Considerações finais**

Neste trabalho, objetivamos apresentar uma proposta de módulo gramatical para trabalhar as relativas preposicionadas em sala de aula. Para tanto, iniciamos fazendo a descrição das propriedades das relativas, com base nos estudos gerativistas de Kenedy (2002), De Vries (2002), Valer (2008) e Medeiros Junior (2020b). Assim, definimos uma relativa como sentenças encaixadas que são iniciadas por pronomes relativos. Na sequência, apresentamos os três tipos de relativas preposicionadas e definimos a antinaturalidade da pied-piping (Kenedy, 2007) e sua Hierarquia de Acessibilidade (Keenan; Comrie, 1977). Em continuidade, descrevemos propostas de transposição didática como os trabalhos de Pires e Quarezemin (2016), Pilati (2017), Othero e Kenedy (2019), Medeiros Junior (2020a) e Tescari Neto (2023). Por fim, refletimos sobre a proposta produzida neste trabalho, observando os princípios que as norteiam.

Concluimos este trabalho cumprindo com os objetivos propostos, tendo aplicado os conhecimentos teóricos em atividades didáticas. O material desenvolvido poderá ser utilizado não apenas como complementação ao livro didático, mas também como recurso para outros

materiais ou planejamentos docentes, podendo ser adaptado conforme as necessidades de cada proposta de ensino. Espera-se que, em trabalhos futuros, sejam desenvolvidas propostas que abordem outros pronomes relativos preposicionados, uma vez que, neste trabalho, o enfoque concentrou-se no pronome *que*.

Na elaboração do módulo gramatical, fundamentamo-nos de forma atenta nos pressupostos teóricos da BNCC (Brasil, 2018) e nas diretrizes dos PCNs (Brasil, 1998). Além disso, buscamos uma aproximação com os aspectos inatistas da língua, tema não contemplado nas estruturas curriculares oficiais, mas fundamental para uma proposta de ensino de língua preocupada com o desenvolvimento de competências linguísticas e da reflexão crítica sobre a própria língua. Embora o módulo gramatical tenha focalizado os aspectos sintáticos da língua, não deixou de lado a aplicação desses conhecimentos na produção de texto de forma reflexiva.

Ademais, a construção de um manual para o professor possibilita ao docente ampliar sua compreensão acerca da proposta das atividades, por meio de instruções para auxiliar o desenvolvimento das atividades e recomendações de leituras complementares. Esperamos que o material aqui apresentado seja amplamente aproveitado e utilizado na esfera escolar, contribuindo para a melhoria do ensino da língua.

## Referências

- AUGUSTO, Marina R. A.; ORLANDO, Ana Angélica da Silva. Aceitabilidade e produção de preposições órfãs em orações relativas no português brasileiro: comparando falantes de PB e bilíngues português-inglês. *Revista de Estudos da Linguagem*, [s.l.], v. 31, n. 2, p. 688-718, nov. 2023. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/23744>>. Acesso em: 5 fev 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <[https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa*. Brasília: MECSEF, 1998.
- CHOMSKY, Noam. On wh-movement. In: CULICOVER, P. WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (ed.). *Formal syntax*. New York: Academic Press, 1977.
- GALLEGO, Ángel J.; CHOMSKY, Noam. A faculdade da linguagem: um objeto biológico, uma janela para a mente e uma ponte entre disciplinas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, ed. esp., p. 52–84, 7 nov. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a39404>>. Acesso em: 10 fev 2025.
- CORRÊA, Vilma Reche. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1586291>>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- CORRÊA, Vilma Reche. Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil. *Síntesis: Revista de Pós-Graduação*, [s.l.], p. 87-100, 1999. Disponível em: <<https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/6119>>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- CUNHA, Celso. Cintra, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- CHAVES, Thyago Camargo; MARCHESAN, Ani Carla. As orações subordinadas adjetivas preposicionadas no livro didático. Chapecó: UFFS, 2025. [no prelo].
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. Contribuições da Aquisição da Linguagem para o Ensino: o Caso das Orações Relativas. In: GUESSER, Simone; RECH, Núbia Ferreira. (org.). *Gramática, aquisição e processamento linguística: Subsídios para o professor de língua portuguesa*. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 217-244
- GUERRA VICENTE, Helena; PILATI, Eloisa. Teoria gerativa e “ensino” de gramática: uma releitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Verbum*, São Paulo, n. 2, p. 4-14, 2012.
- KEENAN, Edward Louis Keenan.; COMRIE, Bernard. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 8, n. 1, p. 63-99, 1977. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/346593223/Noun-Phrase-Accessibility-and-Universal-Grammar>>. Acesso em: 10 jun. 2025.

KENEDY, Eduardo. *A antinaturalidade pied-piping em orações relativas*. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[https://www.professores.uff.br/eduardo/wp-content/uploads/sites/43/2017/08/tese\\_eduardokenedy\\_2007.pdf](https://www.professores.uff.br/eduardo/wp-content/uploads/sites/43/2017/08/tese_eduardokenedy_2007.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2025.

KENEDY, Eduardo. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <[https://www.professores.uff.br/eduardo/wp-content/uploads/sites/43/2017/08/dissertacao\\_eduardokenedy\\_2003.pdf](https://www.professores.uff.br/eduardo/wp-content/uploads/sites/43/2017/08/dissertacao_eduardokenedy_2003.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2025.

KENEDY, Eduardo. Estruturas sintáticas de orações relativas. *In: BISPO, Edvaldo Balduino; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. (org.) Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas*. Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 11-46.

LOBATO, Lúcia. O que o professor da educação básica deve saber sobre linguística. *In: PILATI, Eloisa N. Silva; NAVES, Rozana Reigota; GUERRA VICENTE, Helena; LIMA-SALLES, Heloisa Maria. M. (org.). Linguística e ensino de línguas*. Brasília: UnB, 2015. p. 14-31.

MARCHESAN, Ani Carla; MIOTO, Carlos. Relativas Livres. *In: BISPO, Edvaldo Balduino; OLIVEIRA, Mariângela Rios de (org.). Orações relativas no português brasileiro*. Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 47-74.

MEDEIROS JUNIOR, Paulo. *Gramática sim, e daí?* Reflexões acerca do ensino de gramática nos anos da educação básica. Curitiba: CRV, 2020a.

MEDEIROS JUNIOR, Paulo. Uma análise da relativa no PB: Questões teóricas e panorama geral. *In: MEDEIROS JUNIOR, Paulo . (org.). Relativização e Clivagem no PB: Sintaxe, aquisição, diacronia e experimentação*. Campinas: Pontes, 2020b.

OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo. *Para conhecer sintaxe*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

PILATI, Eloisa. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2017.

PILATI, Eloisa. Contribuições do Conhecimento Gramatical para o Processo de Escrita: a proposta da gramaticoteca. *In: ROEPER, Tom; MAIA, Tom; PILATI, Eloisa. Experimentando Linguística na escola: conhecimento gramatical, leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 2020. p. 121-171.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; QUAREZEMIN, Sandra. *Gramáticas na Escola*. Petrópolis: Vozes, 2016.

REIS, Paula Cristina dos. *Onde, aonde, na onde e a norma culta do português brasileiro*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, Univesidade

Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em:  
<<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/52796/R%20-%20T%20-%20PAULA%20CRISTINA%20DOS%20REIS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

TESCARI NETO, Aquiles; BERGAMINI-PEREZ, João Francisco. Normas gramaticais e análise linguística: o lugar dos julgamentos de gramaticalidade na aula de língua portuguesa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 65, p. 1–23, 2023. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.20396/cel.v65i00.8673631>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

VALER, Salete. *As sentenças relativas com núcleo nominal nos dados de fala (Projeto VARSUL) de Florianópolis. 2008*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2008. Disponível em:  
<<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91293>>. Acesso em: 10 jun.. 2025.

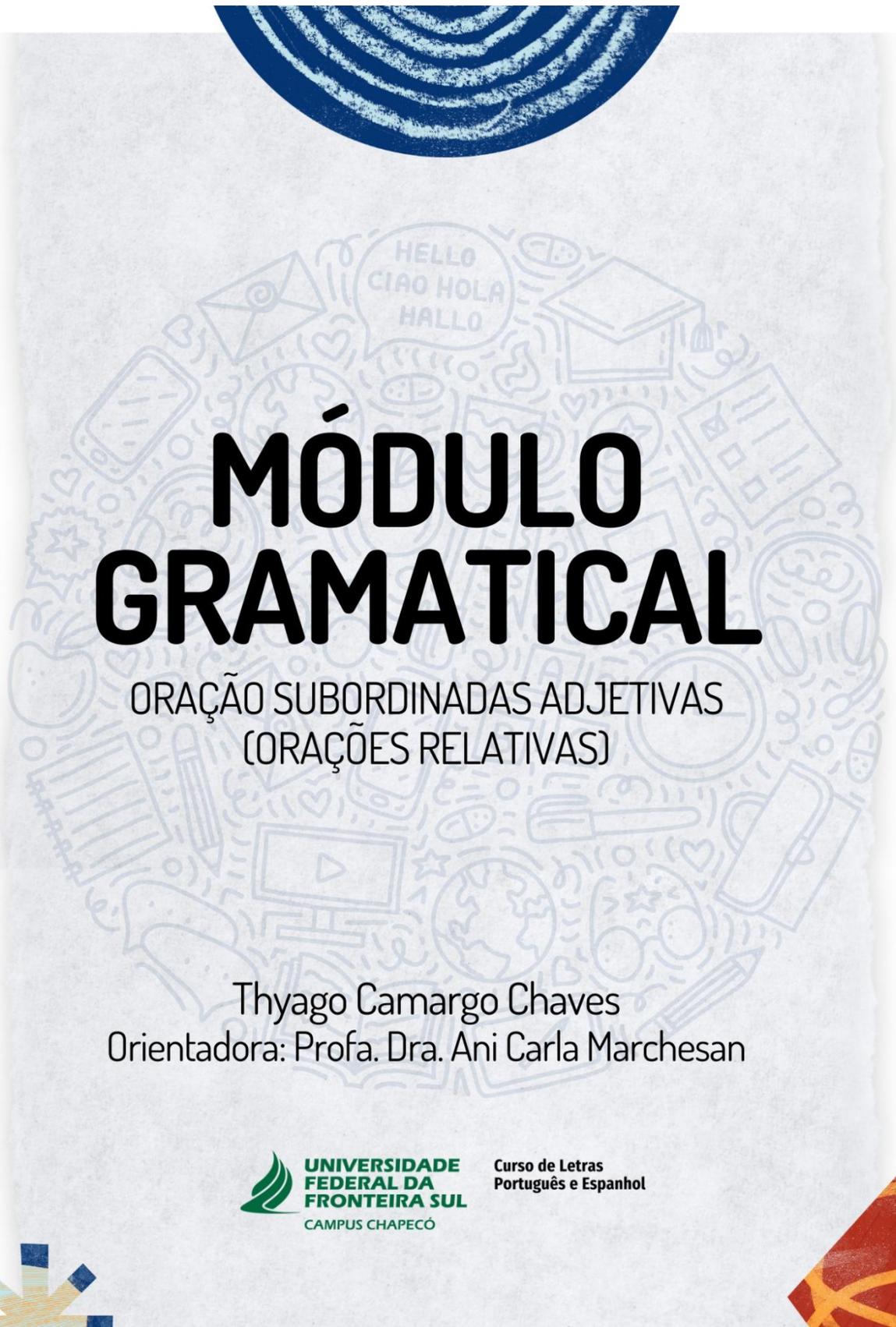
VRIES, Mark de. *The Syntax of Relativization*. Tese (Doutorado em Filosofia) - Netherlands Graduate School of Linguistics: LOT, 2002. Disponível em: <https://www.let.rug.nl/dvries/pdf/proefschrift-mdevries.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2025.

**Resumen:** Este trabajo investiga las oraciones relativas con preposición explícita, omitida o incorporada a un pronombre personal. De estas, solo las que tienen preposición explícita, denominadas relativas estándar, son las prescritas por la norma culta (Cunha; Cintra, 2017). Sin embargo, estudios de Kenedy (2007) y de Corrêa (1997, 1998) revelaron que esta estructura solo se aprende en la escuela, a través de la enseñanza formal; a diferencia de las otras dos, que se adquieren de forma natural. En este contexto, y adoptando la perspectiva teórica de la Gramática Generativa (Chomsky, 1981 y trabajos posteriores) y de la transposición didáctica de los estudios formalistas para la enseñanza de la gramática (Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016; Pilati, 2017; Medeiros Junior, 2020, entre otros), nos proponemos presentar una propuesta de módulo gramatical para trabajar las relativas con preposición, partiendo de la reflexión sobre los usos no estándar y de su articulación con las habilidades de lectura y producción textual. Para esta tarea, metodológicamente, comenzaremos de la descripción y del análisis del funcionamiento de las oraciones relativas con preposición (Vries, 2002; Kenedy, 2002), ya que conocer detalladamente esta estructura gramatical contribuirá, sin duda, a la creación de materiales con una organización de contenidos más detallada sobre las estructuras gramaticales (Amaral, 2020), tales como la Jerarquía de Accesibilidad (Keenan; Comrie, 1977); la antinaturalidad de la oración relativa estándar con preposición (Kenedy, 2007; Corrêa, 1998; Amorim, 2021), entre otros. Como resultado, obtuvimos dos materiales complementarios: una versión dirigida al estudiante y otra comentada, destinada al docente. Dichas actividades tienen como objetivo contribuir al desarrollo del razonamiento lógico-lingüístico del estudiante (Medeiros Junior, 2020a).

**Palabras Claves:** sintaxis; gramática internalizada; módulo gramatical; relativas preposicionales.

## APÊNDICES

APÊNDICE A – Manual do aluno



# MÓDULO GRAMATICAL

ORAÇÃO SUBORDINADAS ADJETIVAS  
(ORAÇÕES RELATIVAS)

Thyago Camargo Chaves  
Orientadora: Profa. Dra. Ani Carla Marchesan

**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL**  
CAMPUS CHAPECÓ

Curso de Letras  
Português e Espanhol



Módulo gramatical, apresentado e aprovado, no ano de 2025, como parte integrante do artigo intitulado “As orações de que precisamos: encarando o trabalho com as relativas preposicionadas na educação básica”, elaborado como requisito parcial de avaliação do componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), sob orientação pela professora doutora Ani Carla Marchesan.

Chapecó-SC, 2025





## SUMÁRIO

<i>I- Avaliação do conhecimento prévio</i>	3
<i>II- Experiências de descoberta e reflexão linguística</i>	5
<i>III- Organização e apresentação das ideias</i>	9
<i>IV- Aplicação dos conhecimentos em textos</i>	17



# CONHECENDO A ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA PREPOSICIONADA

## I- AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO PRÉVIO

### Atividade 1)

Em 1990, eu assisti o filme. O filme foi bem feito. Primeiro aparece o personagem. O personagem estava de camisa azul. O personagem era meio doido. Toda a história se passa no interior do Brasil. O Brasil é um país gigantesco. Esse filme é antigo. Esse filme vai passar de novo no cinema. Todos estão falando desse filme.

- O que torna esse texto difícil de ler? Como esse texto poderia ser melhor escrito?
- Reescreva o texto, melhorando a coesão textual, ou seja, tornando-o mais fluído:

---

---

---

---

---

---

---

### Roda de conversa

*Responda às seguintes questões conjuntamente:*

- Quais foram as estratégias utilizadas para melhorar a coesão do texto?

### Atividade 2)

Nesta atividade, você deverá organizar as frases de acordo com o que considere aceitável em contexto informal e formal. Além disso, você poderá colocar mais de uma frase em um mesmo nível de aceitabilidade.

1. O filme que todos falavam vai passar de novo no cinema.
2. O filme de que todos falavam vai passar de novo no cinema.
3. O filme que todos falavam sobre vai passar de novo no cinema.
4. O filme que todos falavam de vai passar de novo no cinema.
5. O filme que todos falavam dele vai passar de novo no cinema.

Nível de aceitabilidade	Contexto formal:	Contexto informal:
	Você chegou a ver a programação do cinema do Shopping desta semana? <b>O filme</b> _____. Na época da estreia, infelizmente, não consegui assisti-lo porque estava trabalhando muito, mas agora pretendo aproveitar a oportunidade. Disseram que é excelente. Vamos combinar para vermos o filme juntos?	Cara, cê viu a programação do cinema do Shopping dessa semana? <b>Aquele filme</b> _____! Eu não consegui assistir na época, porque tava trabalhando muito, sem tempo; mas, agora não vou perder de jeito nenhum. Dizem que é muito bom! Bora marcar de ver juntos?
Mais aceitável		
Aceitável		
Menos aceitável		
Inaceitável		

## II- EXPERIÊNCIAS DE DESCOBERTA E REFLEXÃO LINGÜÍSTICA

### Atividade 3) Roda de conversa

Responda às seguintes questões conjuntamente:

- a. Por que você acredita que certas escolhas foram avaliadas como mais aceitáveis e outras como menos aceitáveis ou até inaceitáveis?
- b. Quem define essas propriedades: é a gramática? são os falantes da língua?
- c. O que você entende por gramática?
- d. Todas as frases são usadas em um mesmo contexto?
- e. Qual(is) critério(s) que você utilizou para definir uma frase como mais ou menos aceitável?
- f. Há diferença entre a frase (2) (... filme de que...) e as demais?
- g. O que você lembra sobre o verbo *falar*: ele rege preposição? Pense em uma oração simples, utilizando esse verbo.

### ANOTAÇÕES:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

#### Atividade 4)

A seguir, você encontrará um post do Facebook, realizado pelo linguista Sírio Possenti. Leia e responda:

Figura 1: Post e comentários da publicação realizada por Sírio Possenti no Facebook



Fonte: Facebook (2025). Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=2078325809250531&set=a.239518203131310>> .Acesso em: 10 jun. 2025

Observando a imagem, uma manchete de jornal, e o comentário do linguista, *Cortadoras em alta!*, responda:

a) Por que você acha que o linguista postou esse comentário?

---

---

---

b) Em que contexto a oração *O dia que te conheci* é usada? É mais formal ou informal?

---

---

---

---

---

---

---

c) Crie uma frase com o verbo *conhecer* e com a palavra *dia* (colocando a palavra *dia* ao final da sentença, como um adjunto adverbial).

---

---

---

d) Se, nas sentenças criadas por você, antes da palavra *dia* há uma preposição *no* (em+o), por que será que o título do filme omite essa preposição?

---

---

---

e) Reorganize a sentença de forma a ficar com a ordem: sujeito + verbo (conhecer) + objeto + adjunto adverbial: O que você teve que alterar para a sentença *O dia que te conheci ser aceitável*?

---

---

---

f) O que é uma Gramática Normativa?

---

---

---

g) A oração *O dia que te conheci* é aceita pela Gramática Normativa?

---

---

---

h) Existem outros tipos de Gramáticas?

---

---

---

### Atividade 5)

Observe o seguinte trecho retirado de uma Gramática Normativa/Tradicional:

No uso escrito padrão, os pronomes relativos podem apresentar uma variedade de formas (*cujo, quem, quanto, o qual/a qual/os quais/as quais*) precedidas ou não de preposição, segundo as respectivas funções sintáticas e as especificações morfossintáticas (gênero e número) do termo antecedente. Na fala espontânea, nas variedades populares da língua e na escrita de pessoas com baixa escolarização, porém, praticamente só se emprega a forma *que* [...] (Azeredo, 2008, p.316-317, adaptado).

a) Qual a relação entre o trecho de gramática escrito por Azeredo (2008) e o comentário do linguista Sirio Possenti, *Cortadoras em alta!*?

---

---

---

b) Como as pessoas utilizam a língua e o que a Gramática prescreve são a mesma coisa?

---

---

---

c) Você acha que essas divergências são consideradas erros?

---

---

---

### III- ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DAS IDEIAS

#### Construindo orações adjetivas preposicionadas

#### Atividade 6 - Versão lápis e caderno)

Em duplas, leiam as orações abaixo e encontrem maneiras de juntar duas orações em uma. Para tanto, siga as seguintes instruções:

- 1º) circule o termo que se repete nas duas orações;
- 2º) transforme o termo repetido da segunda oração (segunda coluna) em um desses pronomes: que, qual, onde, quem, quanto e cujo;
- 3º) junte as duas orações de forma coesa.

Veja o modelo abaixo:

<i>Eu tenho o livro.</i>	<i>Maria comprou o livro.</i>
a) Como você poderia juntar essas duas orações em uma? <i>Eu tenho o livro que Maria comprou.</i>	
<i>Eu fiz o bolo.</i>	<i>Carlos gostou do bolo.</i>
b) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?	
<i>A menina é alta.</i>	<i>Eu lembro da menina.</i>
c) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?	
<i>Eu ganhei a viagem.</i>	<i>Sonhei com a viagem.</i>
d) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?	
<i>O dia estava ensolarado.</i>	<i>Te conheci no dia.</i>
e) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?	
<i>O menino gosta de Maria.</i>	<i>Conversei com o menino.</i>
f) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?	

*A polícia investiga o valor.*

*O acusado vendeu a moto roubada pelo valor.*

g) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?

*Não entendi o e-mail.*

*Miguel falou sobre o e-mail na reunião.*

h) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?

*O menino estuda muito.*

*O pai do menino está desempregado.*

i) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?

## Construindo orações adjetivas preposicionadas

### Atividade 6) Versão: Jogo de Palavras

Em duplas, leiam as orações abaixo e encontrem maneiras de juntar duas orações em uma. Para tanto, siga as seguintes instruções:

- 1º) recorte as orações;
  - 2º) descarte o segundo termo que se repete nas duas orações;
  - 3º) transforme o termo repetido da segunda oração (segunda coluna) em um desses pronomes: que, qual, onde, quem, quanto e cujo.
- Obs: caso seja necessário preencha o espaço da ficha com uma preposição: no(a), nos(as), do(a), dos(as), daquilo, naquele, numa, sobre.
- 4º) junte as duas orações de forma coesa.
- Veja o modelo abaixo:

Eu tenho	o livro	— que	Maria comprou
Eu fiz	o bolo	Carlos gostou	do bolo
A menina é	alta	Eu lembro	da menina
Eu ganhei	a viagem	Sonhei	com a viagem
O dia	estava ensolarado	Te conheci	n o dia
O menino	gosta de Maria	Conversei	com o menino
A polícia investiga	o valor	O acusado vendeu a moto roubada	pelo valor
Não entendi	o e-mail	Miguel falou	sobre o e-mail na reunião
O menino	estuda muito	O pai	do menino está desempregado

## Pronomes relativos

\_\_ que

\_\_ qual

\_\_ onde

\_\_ quanto

\_\_ quem

\_\_ cujo

**Atividade 7)**

Responda as questões abaixo:

a) Como você juntou as duas orações? Todos utilizaram a mesma estratégia? Quais outras estratégias foram utilizadas?

---

---

---

b) Que estratégia foi utilizada para evitar a repetição?

---

---

---

c) Como você soube quando uma construção exigia ou não preposição?

---

---

---

Observe um passo a passo para a construção de uma oração subordinada adjetiva preposicionada.

### CONSTRUINDO UMA ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA PREPOSICIONADA

**1º PASSO:** Sublinhe de cor vermelha qual elemento está repetido nas duas orações.

Eu tenho o **livro**. Maria falou do **livro**.

**2º PASSO:** Observe a preposição anterior ao nome (do) e desfça sua contração, separando-a. Destaque de vermelho os artigos que acompanham o nome marcado anteriormente.

Eu tenho **o livro**. Maria falou de+**o livro**.

**3º PASSO:** Transforme o segundo nome destacado em um pronome relativo:

Eu tenho **o livro**. Maria falou de+**que**.

**ATENÇÃO:** Observe que o verbo que rege a preposição é o segundo!

**4ºPASSO:** Traga o pronome relativo e a preposição próximos ao nome ao qual o pronome se refere:

Eu tenho **o livro** de que Maria falou.

#### LEMBRANDO...

##### CONTRAÇÃO:

Você se lembra que uma proposição do, da, dos, das, é a contração de uma preposição de com um artigo  
*de+o de+a*

##### CONTRAÇÃO DE PREPOSIÇÕES:

na (em + a), nas (em + as), no (em + o), nos (em + os),  
da (de + a), das (de + a)s, do (de + o), dos (de + os),  
daquilo (de + aquilo), naquele (em + aquele), numa  
(em + uma).

##### OS PRONOMES RELATIVOS:

quem, quanto, o que, quando, como, onde, cujo, que, qual

### Atividade 8)

Agora é com você, realize o processo inverso e descubra quais as orações estão unidas nas seguintes orações:

- I. Pedro comprou o chocolate de que seu amigo gosta.
- II. O rapaz que é tímido sentou-se no fundo da sala.
- III. Chapecó é uma cidade de que guardo boas lembranças.

I.	
II.	
III.	

### Atividade 9)

Agora, faça o mesmo procedimento para as sentenças que iniciaram esse módulo de estudo:

- I. O filme que todos falavam vai passar de novo no cinema.
- II. O filme de que todos falavam vai passar de novo no cinema.
- III. O filme que todos falavam sobre vai passar de novo no cinema.
- IV. O filme que todos falavam dele vai passar de novo no cinema.

I.	
II.	
III.	
IV.	

a. O que você percebeu ao desmembrar as orações acima?

---

---

---

---

b. Se você tivesse que dar nomes para cada uma das orações subordinadas adjetivas (sublinhadas acima), que nomes escolheria dentre as opções abaixo. Observe com atenção à preposição de cada oração subordinada (é isso que irá diferenciá-las):

- ( ) oração subordinada adjetiva preposicionada;
- ( ) oração subordinada adjetiva com apagamento da preposição (ou com corte da preposição);
- ( ) oração subordinada adjetiva com preposição solta/órfã ao final da oração;
- ( ) oração subordinada adjetiva com preposição ligada a um pronome pessoal que retoma *filme* (chamado de *pronome lembrete*).

c. Agora que você já percebeu a importância da preposição na construção de orações subordinadas preposicionadas, responda: Qual das opções acima (de 1 a 4) é a prescrita pelas gramáticas normativas? Quais não são e por que não são?

---

---

---

---

## IV- APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS EM TEXTOS

### Atividade 10)

Relembre a postagem do professor Sírio Possenti sobre o filme “O dia que te conheci”: *Cortadoras em alta!*. Um dos comentários postados, de Lucas Mourão, está abaixo.

Leia o comentário e escreva uma resposta, em forma de post, para uma rede social. Imagine que você é um linguista e, em razão disso, redija uma resposta utilizando a língua culta formal (regras da gramática normativa).

Figura 3: Comentário em rede social

**Lucas Mourão**

Professor, preciso de uma luz. Não entendi. Não sei o que são "cortadoras". Na verdade, fiquei perdido com a postagem. Caso role, me esclareça. Braço!

25 sem Curtir Responder

Fonte: Facebook(2025). Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=2078325809250531&set=a.239518203131310>>. Acesso em: 10 jun. 2025.

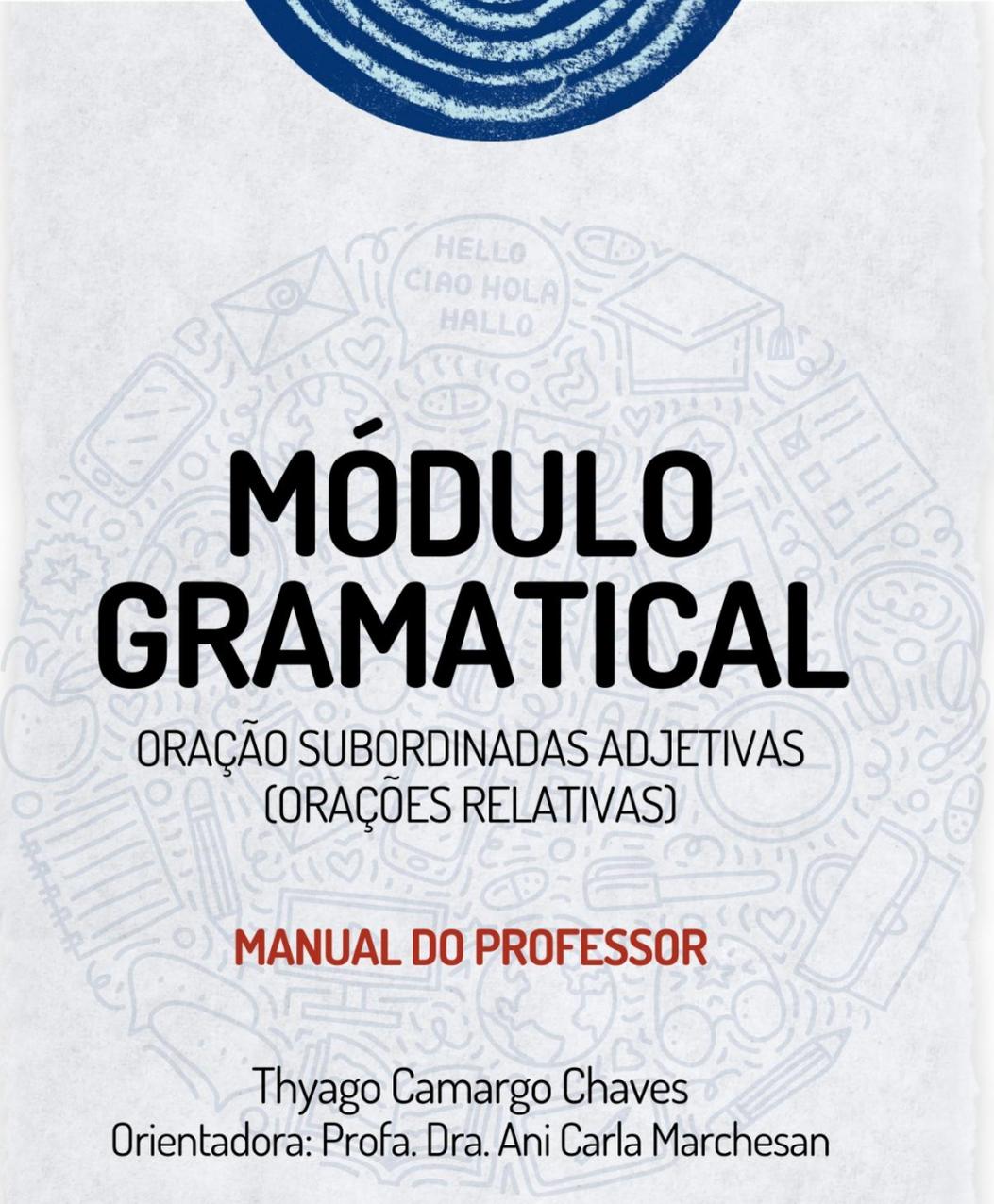
Atenção: Lembre-se de elaborar um comentário didático e acessível, explicando o que são as orações subordinadas adjetivas cortadoras. É importante você apresentar as outras formas de orações subordinadas adjetivas preposicionadas e como elas são aceitas.

## **REFERÊNCIAS**

CUNHA, Celso. Cintra, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro : Lexikon, 2017.

AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008.

PILATI, Eloisa. Linguística, gramática e aprendizagem ativa. 2.ed. Campinas: Pontes, 2017.



# MÓDULO GRAMATICAL

ORAÇÃO SUBORDINADAS ADJETIVAS  
(ORAÇÕES RELATIVAS)

**MANUAL DO PROFESSOR**

Thyago Camargo Chaves  
Orientadora: Profa. Dra. Ani Carla Marchesan



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL**  
CAMPUS CHAPECÓ

Curso de Letras  
Português e Espanhol



## CONHECENDO A ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA PREPOSICIONADA

### I- AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO PRÉVIO

#### Atividade 1)

Em 1990, eu assisti o filme. O filme foi bem feito. Primeiro aparece o personagem. O personagem estava de camisa azul. O personagem era meio doido. Toda a história se passa no interior do Brasil. O Brasil é um país gigantesco. Esse filme é antigo. Esse filme vai passar de novo no cinema. Todos estão falando desse filme.

- O que torna esse texto difícil de ler? Como esse texto poderia ser melhor escrito?
- Reescreva o texto, melhorando a coesão textual, ou seja, tornando-o mais fluido:

---

---

---

---

---

---

#### Roda de conversa

Responda às seguintes questões conjuntamente:

- Quais foram as estratégias utilizadas para melhorar a coesão do texto?

Professor(a): Essa atividade poderá ser realizada individualmente.

a. A repetição. O texto ficaria melhor sem as repetições.

b. O aluno deve utilizar elementos de coesão para evitar a repetição de termos. Em especial, os pronomes relativos (em construções relativas).

Sugestão de reescrita:

Em 1990, eu assisti o filme que foi bem feito. Primeiro aparece o personagem que estava de camisa azul e era meio doido. Toda história se passa no interior do Brasil, que é um país gigantesco. O filme (de) que todos estão falando é antigo e vai passar de novo no cinema.

c. Professor(a), se nenhum aluno utilizar a estratégia de relativização, mostre a ele, no quadro, algumas opções e pergunte se, para eles, essa construção seria possível.

**Atividade 2)**

Nesta atividade, você deverá organizar as frases de acordo com o que considere aceitável em contexto informal e formal. Além disso, você poderá colocar mais de uma frase em um mesmo nível de aceitabilidade.

1. O filme que todos falavam vai passar de novo no cinema.
2. O filme de que todos falavam vai passar de novo no cinema.
3. O filme que todos falavam sobre vai passar de novo no cinema.
4. O filme que todos falavam de vai passar de novo no cinema.
5. O filme que todos falavam dele vai passar de novo no cinema.

Nível de aceitabilidade	Contexto formal:	Contexto informal:
	Você chegou a ver a programação do cinema do Shopping desta semana? <b>O filme</b> _____. Na época da estreia, infelizmente, não consegui assisti-lo porque estava trabalhando muito, mas agora pretendo aproveitar a oportunidade. Disseram que é excelente. Vamos combinar para vermos o filme juntos?	Cara, cê viu a programação do cinema do Shopping dessa semana? <b>Aquele filme</b> _____. Eu não consegui assistir na época, porque tava trabalhando muito, sem tempo; mas, agora não vou perder de jeito nenhum. Dizem que é muito bom! Bora marcar de ver juntos?
Mais aceitável		
Aceitável		
Menos aceitável		
Inaceitável		

Professor(a): Essa atividade poderá ser realizada individualmente.

É uma atividade em que o professor poderá ter um diagnóstico dos conhecimentos prévios dos alunos. É um teste de aceitabilidade de frases/sentenças, por isso, o ideal é que o aluno sinta-se à vontade para selecionar as frases de acordo com o próprio julgamento. Não há resposta correta.

Esse momento é propício para que o aluno perceba e reconheça o seu conhecimento inato de sua língua materna. Ele, como usuário da língua, é capaz de avaliar o uso de frases, seus contextos e seu grau de aceitabilidade.

Observe que o termo “inaceitável” refere-se à agramaticalidade, ou seja, uma sentença impossível na língua portuguesa, que nenhum falante produziria, mesmo analfabeto, porque viola alguma regra da competência linguística do falante.

Na frase “O filme que todos falavam sobre vai passar de novo no cinema.”, é possível que os alunos julguem como aceitável, apesar de o português não ser uma língua de preposição órfã. Isso ocorre porque essa é uma das preposições (junto com “sem” e “contra”) que são mais propensas ao isolamento, conforme estudo de Augusto e Orlando (2023). Esse mesmo estudo revelou que relativas com preposições como “em, para, de, com”, que não são bem aceitas como preposição órfã, são mais aceitáveis por falantes bilíngues português/inglês (já que a preposição órfã é uma característica da língua inglesa).



**Atividade 4)**

A seguir, você encontrará um post do Facebook, realizado pelo linguista Sírío Possenti. Leia e responda:

Figura 1: Post e comentários da publicação realizada por Sírío Possenti no Facebook



Fonte: Facebook (2025). Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2078325809250531&set=a.23951820313110>>. Acesso em: 10 Jun. 2025



Figura 2: Sírío Possenti e Marcos Bagno

Fonte: Google Images (2025). Disponível em: <https://www.imagem.com.br/imagens/https://www.imagem.com.br/imagens/https://www.imagem.com.br/imagens/>. Acesso em: 10 Jun. 2025

Observando a imagem, uma manchete de jornal, e o comentário do linguista, *Cortadoras em alta!*, responda:

a) Por que você acha que o linguista postou esse comentário?

---

---

---

b) Em que contexto a oração *O dia que te conheci* é usada? É mais formal ou informal?

---

---

---

---

---

---

---

Professor(a): Nesse momento, as perguntas servem como um pontapé inicial para o debate. Não é necessário apresentar respostas, pois esse debate será aprofundado na próxima seção. No entanto, abaixo, estão sugestões de resposta para que o professor saiba como guiar a conversa com os seus alunos:

a) O professor Sírío Possenti utiliza suas redes sociais, também, como espaço de promoção de debates sobre temas linguísticos. Por isso, o linguista publica uma frase em um contexto real e propõe uma análise, ao mesmo tempo que participa do debate público nos comentários.

b) A oração é apresentada primeiramente como título de filme, normalmente é utilizado em contextos informais como “O dia que te conheci foi mágico”, “Me lembro do dia que te conheci como se fosse ontem”.

c) Crie uma frase com o verbo *conhecer* e com a palavra *dia* (colocando a palavra *dia* ao final da sentença, como um adjunto adverbial).

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

d) Se, nas sentenças criadas por você, antes da palavra *dia* há uma preposição *no* (em+o), por que será que o título do filme omite essa preposição?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

e) Reorganize a sentença de forma a ficar com a ordem: sujeito + verbo (conhecer) + objeto + adjunto adverbial: O que você teve que alterar para a sentença *O dia que te conheci* ser aceitável?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

f) O que é uma Gramática Normativa?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

g) A oração *O dia que te conheci* é aceita pela Gramática Normativa?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

h) Existem outros tipos de Gramáticas?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7

**c)** Exemplos que o professor pode colocar no quadro de forma a auxiliar nas respostas:

Pedro conheceu a/\*da Maria \*o/no dia do aniversário do município.

O rapaz conheceu sua esposa \*o/no dia do seu aniversário.

(o asterisco antes de *da*, *o* e *o* indica que essas opções não são aceitáveis/são agramaticais)

O professor pode questionar o aluno se essas frases são possíveis. O que deixa as sentenças ruins ou inaceitáveis? Espera-se que os alunos identifiquem que são as palavras com asterisco na frente.

**d)** Resposta pessoal. Porque em contextos informais, e em início de frase, algumas vezes, como no caso do título do filme, não se usa a preposição. Em geral títulos de filmes tendem a apresentar um título que seja próximo a realidade do falante, como forma de chamar a atenção dos possíveis telespectadores.

**e)** \*(Eu) conheci você o dia/ \*Eu o conheci o dia./ Eu conheci você no dia. Para tornar a frase aceitável, teve-se que utilizar uma preposição antes da palavra dia, o que não foi necessário quando o dia inicia a frase: O/No dia que te vi fiquei feliz. O dia hoje está espetacular.

**f)** Uma Gramática Normativa é um conjunto de regras prescritas sobre o uso formal da língua.

**g)** Não, a oração não é aceita pois falta a preposição para definir a sequência [o dia] como um adjunto adverbial de tempo: [no dia].

**h)** Gramática como conjunto de regras que devem ser seguidas em uma língua (Gramática Tradicional), conjunto de regras que são seguidas pelos falantes de uma língua (Gramática Descritiva), conjunto de regras de uma língua internalizada pelo falante (Gramática Internalizada).

**Atividade 5)**

Observe o seguinte trecho retirado de uma Gramática Normativa/Tradicional:

No uso escrito padrão, os pronomes relativos podem apresentar uma variedade de formas (*cujo, quem, quanto, o qual/a qual/os quais/as quais*) precedidas ou não de preposição, segundo as respectivas funções sintáticas e as especificações morfosintáticas (gênero e número) do termo antecedente. Na fala espontânea, nas variedades populares da língua e na escrita de pessoas com baixa escolarização, porém, praticamente só se emprega a forma *que* [...] (Azeredo, 2008, p.316-317, adaptado).

a) Qual a relação entre o trecho de gramática escrito por Azeredo (2008) e o comentário do linguista Sírio Possenti, *Cortadoras em alta!*?

---

---

---

b) Como as pessoas utilizam a língua e o que a Gramática prescreve são a mesma coisa?

---

---

---

c) Você acha que essas divergências são consideradas erros?

---

---

---

8

Professor(a): Se possível, apresente diferentes gramáticas aos alunos e distribua para que possam conhecer como é organizada uma gramática normativa.

Abaixo, apresentamos sugestões de (caminhos de) resposta para as perguntas em (a), (b) e (c):

**a)** A Gramática orienta o uso de preposição em orações como “No dia em que te conheci”, e o linguista ressalta que esse tipo de oração (cortadoras) está sendo usada de forma comum.

**b)** Não, a gramática prescreve um uso normativo da língua e que pode ser utilizado como padrão de formalidade, enquanto as pessoas utilizam a língua de forma natural e criativa, muitas vezes não seguindo regras gramaticais escritas em compêndios, mas regras da sua própria língua (Gramática internalizada).

**c)** Não são erros, pois um falante conhece sua própria língua, mas podem ser considerados como desvios da norma padrão. Um aluno, que passe pela escolarização, ainda que produza sentenças como “o dia que te conheci”, deveria saber que as normas gramaticais normativistas exigem preposição nesse caso.

### III- ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DAS IDEIAS

#### Construindo orações adjetivas preposicionadas

##### Atividade 6 - Versão lápis e caderno)

Em duplas, leiam as orações abaixo e encontrem maneiras de juntar duas orações em uma. Para tanto, siga as seguintes instruções:

1º) circule o termo que se repete nas duas orações;

2º) transforme o termo repetido da segunda oração (segunda coluna) em um desses pronomes: que, qual, onde, quem, quanto e cujo;

3º) junte as duas orações de forma coesa.

Veja o modelo abaixo:

<i>Eu tenho o livro.</i>	<i>Maria comprou o livro.</i>
a) Como você poderia juntar essas duas orações em uma? <i>Eu tenho o livro que Maria comprou.</i>	
<i>Eu fiz o bolo.</i>	<i>Carlos gostou do bolo.</i>
b) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?	
<i>A menina é alta.</i>	<i>Eu lembro da menina.</i>
c) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?	
<i>Eu ganhei a viagem.</i>	<i>Sonhei com a viagem.</i>
d) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?	
<i>O dia estava ensolarado.</i>	<i>Te conheci no dia.</i>
e) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?	
<i>O menino gosta de Maria.</i>	<i>Conversei com o menino.</i>
f) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?	

Professor(a): Em um primeiro momento, o aluno poderá realizar a atividade de forma autônoma. Caso necessitem ajuda, poderá ser realizado um primeiro exemplo no quadro de forma a mostrar como exemplo. As respostas disponibilizadas abaixo estão em forma padrão (preposicionadas), mas os alunos poderão realizar a atividade com diferentes possibilidades de construção.

Respostas com as relativas preposicionadas:

**b)** Eu fiz o bolo de que Carlos gostou.

**c)** A menina de que eu lembro é alta.

**d)** Eu ganhei a viagem com que sonhei.

**e)** O dia em que te conheci estava ensolarado.

**f)** O menino com quem conversei gosta de Maria.

**g)** A polícia investiga o valor por quanto o acusado vendeu a moto roubada.

**h)** Não entendi o e-mail sobre o qual Miguel falou na reunião.

**i)** O menino cujo pai está desempregado estuda muito

*A polícia investiga o valor.*

*O acusado vendeu a moto roubada pelo valor.*

g) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?

*Não entendi o e-mail.*

*Miguel falou sobre o e-mail na reunião.*

h) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?

*O menino estuda muito.*

*O pai do menino está desempregado.*

i) Como você poderia juntar essas duas orações em uma?

### Construindo orações adjetivas preposicionadas

#### Atividade 6) Versão: Jogo de Palavras

Em duplas, leiam as orações abaixo e encontrem maneiras de juntar duas orações em uma. Para tanto, siga as seguintes instruções:

- 1º) recorte as orações;
  - 2º) descarte o segundo termo que se repete nas duas orações;
  - 3º) transforme o termo repetido da segunda oração (segunda coluna) em um desses pronomes: que, qual, onde, quem, quanto e cujo.
- Obs: caso seja necessário preencha o espaço da ficha com uma preposição: no(a), nos(as), do(a), dos(as), daquilo, naquele, numa, sobre.
- 4º) junte as duas orações de forma coesa.
- Veja o modelo abaixo:

Eu tenho	o livro	— que	Maria comprou
Eu fiz	o bolo	Carlos gostou do	bolo
A menina é	alta	Eu lembro da	menina
Eu ganhei	a viagem	Sonhei com	a viagem
O dia	estava ensolarado	Te conheci n	o dia
O menino	gosta de Maria	Conversei com	o menino
A polícia investiga	o valor	O acusado vendeu a moto roubada	pele valor
Não entendi	o e-mail	Miguel falou sobre	o e-mail na reunião
O menino	estuda muito	O pai do	menino está desempregado

## Pronomes relativos

\_\_ que \_\_ que \_\_ que \_\_ que \_\_ que

\_\_ que \_\_ que \_\_ que \_\_ que \_\_ que

\_\_ qual \_\_ qual \_\_ qual \_\_ qual \_\_ qual

\_\_ qual \_\_ qual \_\_ qual \_\_ qual \_\_ qual

\_\_ onde \_\_ onde \_\_ onde \_\_ onde \_\_ onde

\_\_ onde \_\_ onde \_\_ onde \_\_ onde \_\_ onde

\_\_ quanto \_\_ quanto \_\_ quanto \_\_ quanto \_\_ quanto

\_\_ quanto \_\_ quanto \_\_ quanto \_\_ quanto \_\_ quanto

\_\_ quem \_\_ quem \_\_ quem \_\_ quem \_\_ quem

\_\_ quem \_\_ quem \_\_ quem \_\_ quem \_\_ quem

\_\_ cujo \_\_ cujo \_\_ cujo \_\_ cujo \_\_ cujo

\_\_ cujo \_\_ cujo \_\_ cujo \_\_ cujo \_\_ cujo

**Atividade 7)**

Responda as questões abaixo:

a) Como você juntou as duas orações? Todos utilizaram a mesma estratégia? Quais outras estratégias foram utilizadas?

---

---

---

b) Que estratégia foi utilizada para evitar a repetição?

---

---

---

c) Como você soube quando uma construção exigia ou não preposição?

---

---

---

Professor(a): Como sugestão de resposta às questões (a), (b) e (c) estão:

a) As orações foram unidas utilizando-se pronomes relativos, transformando as duas orações em em um período composto por subordinação.

b) Um dos nomes foi substituído por um pronome relativo.

c) Para saber quais construções tinham ou não proposições, deve-se observar a transitividade verbal da oração subordinada.

Observe um passo a passo para a construção de uma oração subordinada adjetiva preposicionada.

#### CONSTRUINDO UMA ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA PREPOSICIONADA

**1º PASSO:** Sublinhe de cor vermelha qual elemento está repetido nas duas orações.

Eu tenho o **livro**. Maria falou do **livro**.

**2º PASSO:** Observe a preposição anterior ao nome (do) e desfça sua contração, separando-a. Destaque de vermelho os artigos que acompanham o nome marcado anteriormente.

Eu tenho o **livro**. Maria falou de+o **livro**.

**3º PASSO:** Transforme o segundo nome destacado em um pronome relativo:

Eu tenho o **livro**. Maria falou de+**que**.

**ATENÇÃO:** Observe que o verbo que rege a preposição é o segundo!

**4º PASSO:** Traga o pronome relativo e a preposição próximos ao nome ao qual o pronome se refere:

Eu tenho o **livro** de que Maria falou.

#### LEMBRANDO...

##### CONTRAÇÃO:

Você se lembra que uma proposição do, da, dos, das, é a contração de uma preposição de com um artigo *de+o de+a*

##### CONTRAÇÃO DE PREPOSIÇÕES:

na (em + a), nas (em + as), no (em + o), nos (em + os), da (de + a), das (de + as), do (de + o), dos (de + os), daquilo (de + aquilo), naquele (em + aquele), numa (em + uma).

##### OS PRONOMES RELATIVOS:

quem, quanto, o que, quando, como, onde, cujo, que, qual

**Atividade 8)**

Agora é com você, realize o processo inverso e descubra quais as orações estão unidas nas seguintes orações:

- I. Pedro comprou o chocolate de que seu amigo gosta.
- II. O rapaz que é tímido sentou-se no fundo da sala.
- III. Chapecó é uma cidade de que guardo boas lembranças.

I.	
II.	
III.	

**Atividade 9)**

Agora, faça o mesmo procedimento para as sentenças que iniciaram esse módulo de estudo:

- I. O filme que todos falavam vai passar de novo no cinema.
- II. O filme de que todos falavam vai passar de novo no cinema.
- III. O filme que todos falavam sobre vai passar de novo no cinema.
- IV. O filme que todos falavam dele vai passar de novo no cinema.

I.	
II.	
III.	
IV.	

*Professor(a): Como sugestão de resposta às questões (a), (b) e (c) estão:*

*a. Pedro comprou o chocolate. Seu amigo gosta de chocolate.*

*b. O rapaz sentou-se no fundo da sala. O rapaz é tímido.*

*c. Chapecó é uma cidade. Guardo boas lembranças da/dessa cidade.*

*Professor(a): Como sugestão de resposta a atividade 8:*

*O filme vai passar no cinema. Todos falavam do filme.*

a. O que você percebeu ao desmembrar as orações acima?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b. Se você tivesse que dar nomes para cada uma das orações subordinadas adjetivas (sublinhadas acima), que nomes escolheria dentre as opções abaixo. Observe com atenção à preposição de cada oração subordinada (é isso que irá diferenciá-las):

( ) oração subordinada adjetiva preposicionada;

( ) oração subordinada adjetiva com apagamento da preposição (ou com corte da preposição);

( ) oração subordinada adjetiva com preposição solta/órfã ao final da oração;

( ) oração subordinada adjetiva com preposição ligada a um pronome pessoal que retoma *filme* (chamado de *pronome lembrete*).

c. Agora que você já percebeu a importância da preposição na construção de orações subordinadas preposicionadas, responda: Qual das opções acima (de 1 a 4) é a prescrita pelas gramáticas normativas? Quais não são e por que não são?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

16

*Professor(a): Como sugestão de resposta à questão (a): Todas as frsões anteriores se originam das orações: O filme vai passar no cinema. Todos falavam do filme.*

*Professor(a): Como sugestão de resposta à questão (b):*  
 (2)  
 (1)  
 (3)  
 (4)

*Professor(a): Abaixo apresentamos o quadro completo com a nomenclatura de cada oração apresentada anteriormente. Esse quadro pode ser compartilhado com os alunos após o término da atividade 8.*

<i>O filme <u>de que todos falavam</u> vai passar de novo no cinema.</i>	Oração subordinada adjetiva preposicionada padrão (exigida pela GN)
<i>O filme <u>que todos falavam</u> vai passar de novo no cinema</i>	Oração subordinada adjetiva preposicionada não padrão, com corte da preposição, também chamada de <i>cortadora</i> .
<i>O filme <u>que todos falavam sobre</u> vai passar de novo no cinema.</i>	Oração subordinada adjetiva com preposição solta/órfã (não descrita nas GN)
<i>O filme <u>que todos falavam dele</u> vai passar de novo no cinema.</i>	Oração subordinada adjetiva preposicionada com pronome lembrete ( <i>ele</i> ) (considerada estigmatizada - não aceita pelas GN)

#### IV- APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS EM TEXTOS

##### Atividade 10)

Relembre a postagem do professor Sírio Possenti sobre o filme "O dia que te conheci": *Cortadoras em alta!*. Um dos comentários postados, de Lucas Mourão, está abaixo.

Leia o comentário e escreva uma resposta, em forma de post, para uma rede social. Imagine que você é um linguista e, em razão disso, redija uma resposta utilizando a língua culta formal (regras da gramática normativa).

Figura 3: Comentário em rede social

##### Lucas Mourão

Professor, preciso de uma luz. Não entendi. Não sei o que são "cortadoras". Na verdade, fiquei perdido com a postagem. Caso role, me esclareça. Braço!

25 sem Curtir Responder

Fonte: Facebook(2025). Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=2078325809250531&set=a.239518203131310>>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Atenção: Lembre-se de elaborar um comentário didático e acessível, explicando o que são as orações subordinadas adjetivas cortadoras. É importante você apresentar as outras formas de orações subordinadas adjetivas preposicionadas e como elas são aceitas.

17

Professor(a): Nesse último momento, os alunos deverão sintetizar todo o debate realizado e colocar em suas palavras uma explicação argumentativa sobre o tema. Se possível, eles poderiam fazer o post em formato de cartaz e colar na sala para que todos tenham acesso às respostas e possam comentar sobre elas.